



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

GIRLÂNIO SILVA DE OLIVEIRA

**A SECA NO NORDESTE E OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA ESCOLA ESTADUAL WATSON
CLEMENTINO DE GUSMÃO SILVA**

Delmiro Gouveia/AL

2018

Girlânio Silva de Oliveira

**A SECA NO NORDESTE E OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA:
UMA ANÁLISE A PARTIR DA ESCOLA ESTADUAL WATSON
CLEMENTINO DE GUSMÃO SILVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Lucas Gama Lima.

Delmiro Gouveia/AL

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

O48s Oliveira, Gírlânio Silva de

A seca no nordeste e os livros didáticos de geografia: uma análise a partir da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva / Gírlânio Silva de Oliveira. – 2018.

74 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Lucas Gama Lima.

Coorientação: Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida.

Monografia (Licenciatura em Geografia) –
Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro
Gouveia, 2018.

1. Geografia. 2. Geografia regional. 3. Nordeste – Brasil.
4. Livro didático. 5. Semiárido. I. Título.

CDU: 913(812/813)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): Girlânio Silva de Oliveira

“A seca no Nordeste e os livros didáticos de Geografia: uma análise a partir da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em de outubro de 201

Banca Examinadora:

Lucas Gama Lima

(Prof. Dr. Lucas Gama Lima – UFAL /Campus do Sertão)

(Orientador(a))

José Alegn Roberto Leite Fachine

(Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fachine – UFAL/Campus do Sertão)

(1º Examinador(a))

Ricardo Santos de Almeida

(Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida – UFAL/UAB)

(2º Examinador(a))

Dedico este trabalho aos senhores e senhoras que vivem no semiárido nordestino buscando sempre meios para que seja possível uma convivência com a seca, mesmo tendo que lidar com as mazelas impostas por uma classe dominante, que se aproveita das condições climáticas que aqui predominam, usando-a como pretexto para encobrir os desmandos e a falta de ações que venha melhorar de fato a vida desse povo.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso me exigiu muito esforço e empenho além do que estava acostumado, por dois fatos simples e corriqueiros do dia a dia, sendo eles: durante a graduação eu não fui inserido e iniciado na pesquisa, pelo motivo que, desde o início do curso tive que dividir meu tempo com o trabalho e com as obrigações perante a família e a instituição Ufal, pois sempre trabalhei os dois horários em empresa privada, com uma carga horária extensa, com viagens diárias, já que sou vendedor externo e minha carteira de clientes é composta por cinco cidades e seus respectivos povoados, incluindo Delmiro Gouveia, e essa minha função, infelizmente, analisando pela lado do desenvolvimento de pesquisas e pelo engajamento para com a Universidade, me forçou a ficar fora de muitos eventos desse tipo, essa minha atividade me submeteu a abandonar o curso por um ou dois períodos, mas com muita força de vontade retornei e aqui estou, e com o propósito de seguir em frente e conquistar novos horizontes.

Contudo afirmo que dentro das minhas limitações dei o melhor de mim para que esse trabalho saísse da melhor forma possível, não o vejo como concluído, pois estou diante de uma temática muito vasta e que adentra nos mais diversos segmentos da população nordestina, por isso disponibilizo o mesmo aos que pretendam aprofundar as questões relacionadas as políticas públicas de combate à seca no Nordeste e suas contradições.

Deixo aqui evidente meus agradecimentos, primeiramente, a Deus pois sem ele creio que não seria possível a realização desse trabalho e de outros existentes em minha vida, e a uma pessoa em especial que soube entender e apoiar-me nas mais variadas situações, no qual em muitas ocasiões tive que optar por deixar de lado eventos em família, encontros com os amigos e demais momentos, em algumas circunstâncias ela foi bastante rígida, mas nada que interferisse no apoio que tem me dado, portanto minha gratidão à Simone Giselia da Silva, minha companheira.

Agradeço também ao meu professor-orientador Lucas Gama Lima. Muito obrigado por ter aceito essa missão de me orientar nesse percurso, sou grato pelos inúmeros conhecimentos socializados, por sua compreensão e pela agradável orientação que me foi dispensada, sendo fundamental para a realização dessa

pesquisa.

Aos meu pais, José Lima de Oliveira e Maria silva de Oliveira, pelo esforço incondicional exercido em apoio aos meus objetivos e escolhas, e ao empenho em fazer com que as lições boas da vida seja levada a frente, como o respeito, a ética e a moral que são princípios básicos e de suma importância para se ter uma vida plena em harmonia com o seu próximo.

Aos meus irmãos, José, Jadison e Jefferson, que em momentos tensos sempre estavam dispostos a ajudar no que fosse possível, inclusive com apoio moral, e em momentos de descontração.

Agradeço aos amigos e amigas de turma pelos vários momentos de confraternização e alegrias vivenciadas e também pelas situações tristes que passamos juntos, pois são vivências que ficam gravadas na mente e no coração.

Ao saudosíssimo Emanuel Lima, que não se encontra fisicamente junto a nós, mas que com seu jeito descontraído e amigável de ser, morará sempre em nossos corações.

E claro não posso esquecer a turma como um todo das reuniões e extroversões, e aos mais próximos que compõem o grupo das reuniões extracampo, Gleyton Feitosa, Claudionor Quixabeira, Sidney Rodrigues, Anderson Batalha, André Carlos, Junior Ferreira e João Batista.

Agradeço, em especial, a direção da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, pelo acolhimento proporcionado pelo seu corpo docente e também a colaboração dos alunos durante a minha pesquisa.

Quando o ronco feroz do carro pipa, cobre a
força do aboio do vaqueiro
Quando o gado berrando no terreiro, se
despede da vida do peão
Quando verde eu procuro pelo chão, não
encontro mais nem mandacaru
Dá tristeza ter que viver no Sul, pra morrer
de saudades do sertão

Eu sei que a chuva é pouca e que o chão é
quente
Mas, tem mão boba enganando a gente,
secando o verde da irrigação
Não! Eu não quero enchentes de caridade,
só quero chuva de honestidade
Molhando as terras do meu sertão

Eu pensei que tivesse resolvida, essa forma
de vida tão medonha
Mas, ainda me matam de vergonha, os
currais, coronéis e suas cercas
Eu pensei nunca mais sofrer da seca, no
nordeste do século vinte e um
Onde até o voo troncho de um anum, fez
progressos e teve evolução

Israel é mais seco que o Nordeste, no
entanto se investe de fartura
Dando força total a agricultura, faz brotar
folha verde no deserto
Dá pra ver que o desmando aqui é certo,
sobra voto, mas, falta competência
Pra tirar das cacimbas da ciência, água doce
que regue a plantação

Chuva de Honestidade

Flavio Leandro

RESUMO

Buscou-se fazer uma revisão teórica acerca do que dizem alguns autores sobre a temática da seca no Nordeste, contextualizando esse fenômeno e suas primeiras ocorrências, analisando as políticas assistencialistas implantadas pelo governo desde o período colonial aos dias atuais, realizamos uma análise dos livros didáticos de Geografia da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, e a partir das análises realizamos uma pesquisa com os alunos com o intuito de apontar e observar no livro e na sala de aula se há no ensino de Geografia a abordagem da temática onde foram contempladas 19 turmas pela realização da pesquisa e que 144 alunos foram entrevistados por meio de uma pesquisa qualitativa onde pudemos perceber a ausência da abordagem da temática da seca no Nordeste ou uma menção de alguns aspectos ligados a seca mas que colocados de forma geral, sem dar uma boa ênfase a questões como as construções feitas pelo DNOCS, a captação dos órgãos que tinham como objetivo inicial proporcionar uma melhor condição de vida para o nordestino por meio de seus projetos, com a finalização da pesquisa foi possível perceber o quanto os alunos encontram-se alheios a respeito de alguns pontos da entrevista onde em algumas perguntas simples obtivemos respostas que não condizem com a verdade.

Palavras chave; seca: políticas públicas de combate à seca; semiárido; livro didático.

ABSTRACT

We sought to make a theoretical review about what some authors say about the drought in the Northeast, contextualizing this phenomenon and its first occurrences, analyzing the assistance policies implemented by the government from the colonial period to the present day, we conducted an analysis of the textbooks of Geography of the Watson Clementino State School of Gusmão Silva, and from the analyzes we conducted a research with the students with the intention of pointing out and observing in the book and in the classroom if there is in the teaching of Geography the approach of the subject where they were contemplated 19 and that 144 students were interviewed through a qualitative-quantitative research where we could perceive the absence of the approach to the thematic of the drought in the Northeast or a mention of some aspects related to the drought but that put of generous form, without giving a good emphasis on issues such as the construction of DNOCS, the as an initial objective to provide a better living condition for the Northeastern through their projects, with the completion of the research it was possible to perceive how the students find themselves unrelated to some points of the interview where in some simple questions we obtained answers that do not match the truth.

Key words; drought: public policies to combat drought; semiarid; textbook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Parte do sumário do livro e gráfico informativo	31
Figura 2 – Indicativo de filme e pequeno texto acompanhado de imagem e atividade.....	40
Figura 3 – Capa do livro do 9° ano do ensino fundamental.....	41
Figura 4 – conjunto de imagem que levarão o aluno analisa-las para em seguida responder a atividade.....	43

LISTA DE TABELAS

TABELAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

- Tabela 1** – Respostas dos alunos do ensino fundamental acerca da temática a seca no Nordeste embasada em pesquisa realizada na escola Watson - 2018.....48
- Tabela 2** – Pesquisa sobre a temática a seca no Nordeste e a pratica da temática na sala de aula realizado com alunos do ensino fundamental da escola Watson – 2018.....49
- Tabela 3** – Nível de conhecimento a respeito da temática a seca no Nordeste dos alunos do ensino fundamental da escola Watson - 2018.....50

TABELAS DO ENSINO MÉDIO

- Tabela 1** – Respostas dos alunos do ensino médio acerca da temática a seca no Nordeste pesquisa realizada na escola Watson - 2018.....51
- Tabela 2** – Pesquisa sobre a temática a seca no Nordeste e a pratica da temática na sala de aula realizado com alunos do ensino médio da escola Watson – 2018.....52
- Tabela 3** – Nível de conhecimento a respeito da temática a seca no Nordeste dos alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.....53

TABELAS DO EJA

- Tabela 1** – Respostas dos alunos do ensino EJA acerca da temática a seca no Nordeste embasada em pesquisa realizada na escola Watson - 2018.....54
- Tabela 2** – Pesquisa sobre a temática a seca no Nordeste e a pratica da temática na sala de aula realizado com alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.....55
- Tabela 3** – Nível de conhecimento a respeito da temática a seca no Nordeste dos alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.....56

GRÁFICOS

Gráfico 1 – O livro didático aborda as questões relacionadas a seca no Nordeste, livro este que é utilizado pela escola Watson - 2018.....	57
Gráfico 2 – Se sim como você avalia tal temática na prática do ensino de Geografia na escola Watson - 2018	58
Gráfico 3 – Com que frequência você tem aulas relacionadas a seca no Nordeste, levando em conta os levantamentos feitos pelo professor (a) da escola Watson - 2018	59
Gráfico – 4 Quando você tem aulas relacionadas a seca, qual a origem do material utilizado pelo professor(a) da escola Watson - 2018	60
Gráfico – 5 Na sua opinião o professor (a) tem domínio sobre o tema a seca no Nordeste quando aborda tal temática na escola Watson - 2018.....	61
Gráfico – 6 Quando é abordado a temática (seca no Nordeste), as aulas se resumem apenas a questões geral ou adentram em questões locais isso levando em consideração as abordagens feitas pelos professores(as) da escola Watson - 2018	62
Gráfico – 7 O departamento Nacional de Obras Contra a Seca é representado por qual das siglas a seguir, respostas de alunos da escola Watson - 2018.....	63
Gráfico – 8 As obras como construção de barragens e açudes que visavam abastecer a população diminuindo as calamidades da seca eram construídos em propriedades pertencentes a: resposta de alunos da escola Watson - 2018.....	64
Gráfico – 9 Um marco muito importante foi a criação da SUDENE que se trata de um órgão do Estado responsável por administrar a região? Respostas obtidas na escola Watson - 2018	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Quadro com os respectivos estados que compõem o Nordeste com siglas e áreas.....	37
Quadro 02 – Quadro denominado para ler.....	39
Quadro 03 – Quadro para o aluno interpretar texto, imagem e gráfico.....	46
Quadro 04 - Questionário com os professores (as).....	66

LISTA DE SIGLAS

ALCA	Área de Livre Comercio das Américas
ASA	Articulação do Semiárido brasileiro
CÁRITAS	Entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário.
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
GTDN	Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca
IOCS	Inspetoria de Obras Contra a Seca
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONGS	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - O fenômeno da seca no Nordeste brasileiro.	19
CAPÍTULO 2 – Análise dos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental e médio da escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva.	30
2.1 - Análise do livro didático de Geografia, projeto Araribá do 7º ano do ensino fundamental.	30
2.2 - Análise do livro didático de geografia do 8º ano do ensino fundamental projeto Araribá.	38
2.3 - Análises do livro didático de geografia do 9º ano do ensino fundamental, Geografia Homem e espaço.	41
2.4 - Análise do livro didático de Geografia do 1º ano do ensino médio Ser Protagonista.	44
2.5 - Análise do livro didático do 2º ano do ensino médio Ser Protagonista.	44
2.7 - Análise dos dados da pesquisa de campo	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
APENDICE	72

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema se deu pela necessidade de entender melhor todo esse processo que ocorre no Nordeste brasileiro, processo esse que engloba o sofrimento da população do perímetro semiárido em relação à seca, os vários modelos de políticas assistencialistas implantados pelo governo no intuito de proporcionar a convivência com a seca algo que antes, em torno dos anos 90 era visto como meio de combate à seca, mas hoje essa visão mudou e percebe-se que não é possível combater a seca e sim encontrar meios de conviver com ela.

Nesse trabalho buscou-se analisar as ligações do poder político com os latifundiários que procuraram se fortalecer financeiramente e a partir da captação dos órgãos responsáveis por gerir os recursos que deveriam ser utilizado na promoção do bem maior da população que foi o projeto inicial do DNOS, e da SUDENE, mas foram captados pelos que dominavam na época o cenário oligárquico com suas ligações políticas muito fortes sendo esses os maiores detentores da terra, com essa captura desses órgãos o governo não quis intervir e bater de frente com essa pequeno grupo formado por latifundiários, Já no que diz respeito ao livro didático o que direcionou-nos para tal análise foi o interesse de saber como é tratada a temática da seca no Nordeste pelo mesmo, e como os professores abordam tal temática.

A referência teórica foi feita a partir de autores conceituados que abordam a temática a seca no Nordeste, leva em conta o que os vários autores dizem sobre a seca e a ocorrência da mesma, desde o período colonial com a colonização do semiárido por parte dos portugueses até os dias atuais, abordando os vários meios criados pelo governo para tentar solucionar os problemas relacionados a seca, fazendo um recorte sobre o que alegavam os políticos e os grandes latifundiários sobre o problema relacionado a pequena produtividade que ocorre no Nordeste, colocando essa falta de produtividade nas secas constantes que ocorrem na região.

Objetivo geral:

- Analisar a abordagem do fenômeno da seca nos livros didáticos de Geografia da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva.

Objetivos específicos:

- Realizar uma revisão teórica sobre o fenômeno da seca no Nordeste brasileiro;

- Identificar os pressupostos ideológicos da narrativa explicativa sobre a seca, presentes nos livros didáticos;
- Analisar as contradições em que se inscrevem as políticas públicas de combate à seca;
- Realizar entrevista com alunos do Ensino Fundamental, Médio e EJA sobre seu entendimento acerca do fenômeno da seca;

Discutir sobre a seca no Nordeste é algo que precisa e requer uma atenção redobrada, pois aborda questões muito amplas e complexas. Para isso foi realizada uma análise das políticas públicas de convivência com a mesma, executadas desde o período colonial até os dias atuais, através de uma revisão teórica, baseada em autores a exemplo: Silva (2006) e Oliveira (1981). A partir da reflexão teórica foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, na qual se buscou entrevistar alunos e professores, bem como, examinar o livro didático.

A análise do livro didático leva em consideração a abordagem da temática da seca no Nordeste e como esse tema é tratado pela escola. Para tal compreende-se o papel do DNOCS, SUDENE E CODEVASF, além de dar um foco nas ONGS e instituições como ASA que desempenha papel fundamental na luta constante por melhores condições e convivência com a seca.

A pesquisa de campo foi realizada do dias 10 de agosto de 2018 ao dia 24 de setembro de 2018, na Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva e que 144 alunos de um total de 670 participaram da pesquisa realizada por amostragem, trata-se de um estudo de um viés quantitativo qualitativo de muita importância para entender como é tratada a temática da seca no Nordeste no ensino de Geografia. Foram escolhidos, aleatoriamente, de 7 a 12 alunos por turma onde responderam um questionário composto por 09 perguntas de múltipla escolha, a quantidade de perguntas não foi programada pois foram questões que surgiram a partir das leituras os dados colhidos e foram transformados em tabelas ou em gráficos.

O presente trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro buscou-se fazer uma revisão teórica acerca do que dizem alguns autores sobre a temática da seca no Nordeste, contextualizando esse fenômeno com os primeiros registros de ocorrência da mesma, as políticas assistencialistas implantadas pelo governo. No segundo capítulo realizamos uma análise dos livros didáticos de Geografia da

Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, além da pesquisa com os alunos com o intuito de analisar no livro e na sala de aula se há no ensino de Geografia a abordagem da temática

CAPÍTULO 1 - O fenômeno da seca no Nordeste brasileiro.

A seca não é um problema histórico recorrente na região Nordeste como é de praxe ouvirmos alguém sempre falar quando trata deste tema, pois os verdadeiros problemas estão na falta de meios adequados para a convivência com a mesma, esse fato ocorre com maior visibilidade no perímetro do semiárido, trata-se dos efeitos dos longos períodos secos. De acordo com Silva (2006) o semiárido brasileiro, é caracterizado como um território de clima seco e com pouco desenvolvimento econômico, com períodos cíclicos de chuva, baixo índice pluviométrico, e solos pobres, o longo período seco faz com que haja um aumento da temperatura, que se caracteriza uma aridez sazonal.

Desde o período colonial os relatos sobre o semiárido brasileiro enfatizam senários de clima seco, em que a população sertaneja passa dificuldades durante os períodos de seca e isso mostra que esse fenômeno climático não é um problema recente já que desde o período colonial existiam relatos, que descrevem a busca de um povo por melhores condições, como a busca de comida e até mesmo água com mais abundância, nesse sentido:

As primeiras ocorrências de seca registradas nos documentos portugueses datam de 1552, de modo que, quem primeiro relatou sobre a seca foi o Jesuíta Fernão Cardim, que descreveu em detalhes os efeitos causados pela seca no século XVI e a fuga dos índios para o litoral em busca de alimento (VILLA, 2001, p. 17).

É a partir de Fernão Cardim que se tem relatos de seca no Nordeste pois até então jamais nenhum documento tinha tratado de tal fenômeno natural que ocorre com frequência no Nordeste e principalmente na região semiárida, portanto é a partir desse relato que a coroa portuguesa começa a ter uma visão mais completa do Brasil, passando a perceber que aqui no Brasil além de conter suas belezas naturais e riquezas imensuráveis também existem períodos com características peculiares e clima seco.

Desde o primeiro relato feito por Cardim vários outros relatos aparecem e um deles ocorre na primeira metade do século XVIII, pois há documentos oficiais que relatam um período de seca que vai de 1723 a 1729, onde nesse período os pedidos de ajuda ao Rei ocorrem com uma certa frequência nessa perspectiva trago um relato desse acontecimento.

Os Oficiais da Câmara representam o El-Rei declarando que desde o ano de 1723 até o presente (1729) tem sofrido esta Capitania grande esterilidade de seca e ao mesmo tempo pedem a El-Rei que os mande acudir com escravos, pois os daqui têm morrido de fome e que os engenhos estavam em ruínas não só pelo estado da terra como por falta de braços para o trabalho (ALVES, 2003, p. 28 *apud* CAMPOS 2013, p. 68).

A seca atingiu a região de plantação da cana de açúcar onde a mão de obra era formada por escravos, nesse pedido pedem escravos pois com a seca e com o abandono dos donos de engenho em relação a alimentação e também os maus tratos para com os negros muitos haviam morrido, percebe-se o total abandono para as questões humanas pois na logica do senhores de engenho o custo com a alimentação dos escravos no período de seca era maior que o custo para se conseguir outro pois gastaria bem menos se contasse com a ajuda do Rei.

Até o final do século XIX, a seca é tratada como uma entidade quase metafísica e usada como justificativa para a miserabilidade no semiárido nordestino. A seca é vista como um mal a ser combatido e que pode ser dissociado do semiárido. No entanto, esbarra num paradigma, pois isso não é possível, a seca é resultado das condições edafoclimáticas, e que não há como separar, mas é possível sim elaborar meios de convivência com a ela.

Durante o período de colonização do semiárido até metade do século XIX, não houve políticas públicas de convivência com a seca, as ações consistiam apenas em distribuir alimentos e reprimir a desordem que ocorria durante o período de seca pois as pessoas se aproveitavam para cometer pequenos saques e justificar tal ação pela falta de alimentos. Com a consolidação da ocupação do semiárido, aumento da população e expansão da pecuária, as políticas públicas governamentais passam por mudanças e são criados órgãos que irão coordenar as ações de combate à seca.

De acordo com Silva (2006) houve uma demora para que ocorresse a ocupação do espaço do semiárido, que perdurou em média mais de um século após a chegada dos portugueses e a demora para que ocorresse esse processo de colonização, deveu-se a falta de interesse da empresa colonial em ocupar uma terra que não produzia tantas riquezas quanto a Zona da Mata, e para completar encontrava-se ocupada por povos indígenas, e também havia a dificuldade de penetração por não existir uma boa acessibilidade,

De modo que, os interesses econômicos estavam voltados para áreas litorâneas, com foco na produção de açúcar, ocupando algumas áreas de terra do Agreste, na área de transição entre a Zona da Mata e Sertão. Além da falta de interesse econômico, houve resistência dos povos indígenas, como também a dificuldade de acesso ao ambiente impossibilitava o colonizador de adentrar o semiárido (SILVA, 2016, p. 35).

Para que a ocupação se consolidasse, os povos indígenas teriam que ser exterminados, pois eram vistos como elemento de desordem no projeto de colonização portuguesa, além da necessidade de grandes áreas de terras para expandir a pecuária bovina, como afirma Silva (2006) a seguir:

A consolidação da ocupação se deu somente nas últimas décadas do século XVIII, com o extermínio dos povos indígenas. A pecuária extensiva exigia amplas áreas de terras, transformando-se na base produtiva do latifúndio e no poder dos barões e dos coronéis, tendo como pressuposto a expulsão dos povos indígenas e, conseqüentemente, a destruição de estilos de vida dos primeiros habitantes da Região (Ibid, p. 38).

Desse modo, os povos indígenas foram vencidos pela violência, suas terras conquistadas, perdendo o direito de sobreviver daquilo que a natureza lhes oferecia, seus conquistadores construíram arraiais (que eram os locais onde os colonizadores se reuniam formando os povoados), dando início a exploração das riquezas minerais, conseqüentemente instalaram suas fazendas de gado, de forma que, para ocupar as terras do semiárido dizimaram milhares de índios. Os povos que não foram destruídos, contribuíram de forma “forçada” para o crescimento da população mestiça e para consolidação da ocupação do semiárido.

De acordo com Silva (2006) depois de efetivado o processo de ocupação por parte dos colonizadores e depois dos mesmos instalados começa a haver reclamações e pedidos perante a coroa portuguesa, pois a partir desse momento a seca e os problemas como a falta de alimentos para as pessoas e até mesmo para os rebanhos, em que o cuidador se via obrigado a ir cada vez mais longe em busca de alimentos para os animais, portanto é nessa perspectiva que Silva (2006) diz que:

A seca só passa a ser considerada um problema, a partir do século XVIII, com a efetivação da população branca, de forma que, documentos oficiais passam a oficializar às referidas secas, os problemas e prejuízos econômicos ocasionados, como também os pedidos de ajuda (Ibid, 2006, p.39).

Conforme Silva (2006) com os pedidos de socorro e de ajuda que chegavam

até a coroa portuguesa, a mesma preocupada com a situação, elabora estratégias para que tais problemas fossem solucionados e uma das soluções encontradas foi o incentivo e implantação do cultivo da terra por meio de plantação de mandioca, que ao mesmo tempo serviria para evitar a fuga de índios e também para saciar a fome das pessoas além de manter ocupados os moradores evitando assim saques em vilas e povoados.

O governo português passa a exigir o cultivo da mandioca como meio para evitar a fuga dos índios e evitar a fome, dessa forma, incentivava os moradores a cultivar a terra e que se mantinham ocupados, evitando os saques nas vilas e povoados vizinhos (SILVA, 2006, p. 40).

Com o fim do primeiro reinado, a política assistencialista (apoio temporário dado aos nordestinos pelo governo em forma de ajuda ao enfrentamento as secas recorrentes na região) não mudou, continuou com as mesmas características de distribuição de alimentos para a população que passava fome, vítimas dos longos períodos de seca, ou então, com muita insistência enviava ajuda as províncias que sofriam com as calamidades decorrentes desse fenômeno climático.

Sobre os gastos do DNOCS em forma de investimentos do Estado em construção de barragens, perfuração de poços, aberturas de estradas e rodagens, Oliveira (1981) afirma que em momento algum essas ações surtiram significativa transformação nas formas do ciclo produtivo do Nordeste, pois essas obras apenas mantiveram as riquezas nas mãos dos que já controlavam a região reforçando ainda mais o domínio de uma classe sobre outra, nessa perspectiva Oliveira (1981) afirma que:

Não tiveram, sob nenhuma circunstância, o condão de transformar as condições da produção social do Nordeste algodoeiro-pecuário. Significaram simplesmente um reforço das condições da própria estrutura produtiva, tanto na esfera da produção quanto na esfera da circulação e da apropriação (Ibid, p. 51-53).

De acordo com Oliveira (1981) a construção de barragens e poços pelo DNOCS com o intuito de combater à seca eram construídos em propriedades particulares e serviriam basicamente para a sustentação do gado dos grandes e médios fazendeiros, reforçando a estrutura arcaica e expandindo a pecuárias desses indivíduos e que essas construções resultavam de acordos entre fazendeiros e o governo. Nas construções eram utilizadas a mão de obra de

pequenos meeiros, sitiantes que com seus recursos esgotados aderiam ao trabalho, nessa perspectiva:

Recrutava-se a mão de obra desocupada pela estiagem, apenas depois que os magros recursos de pequenos sitiantes, meeiros, parceiros, haviam se esgotado em duas ou três sementeiras, à espera das chuvas, e empregava-se na construção das barragens e das estradas; o pagamento dessa mão-de-obra dava-se na maioria das vezes, sob a forma de espécie, isto é fornecendo-se os alimentos-farinha, feijão e a indefectível carne seca, está nem sempre presente; os resultados desse trabalho concretizavam-se nas barragens feitas nas propriedades dos grandes fazendeiros e nas estradas, as vezes estradas privadas no interior dos grandes latifúndios. Utilizava-se também essa mão de obra na construção das grandes barragens, tal acumulação primitiva utilizava os recursos do Estado para a implantação de benfeitorias nas grandes propriedades, e sua forma de financiamento chegou a constituir-se em outro pilar da força e do poder político dos "coronéis", da oligarquia algodoeira-pecuária (OLIVEIRA, 1981, p. 54 - 55).

Esses alimentos fornecidos aos trabalhadores como citado acima como forma de pagamento de parte da mão de obra eram classificados como produtos de péssima qualidade e esse relato pude ouvir de pessoas mais velhas que chegaram a conviver com tal situação, em conversa com senhor que trabalhou na época nessa prestação de serviços ao DNOCS, ele chega a afirmar que o feijão era um feijão graúdo (grande), mas que era muito dura para cozinhar e passava horas e horas no fogo e mesmo assim não cozinhasse direito, o arroz era na palha e tinha que passar por um processo que era o de pisar e sacudir para separar os grãos para o consumo das palhas, a farinha era grossa e não tinha a cor branca como apresentam-se as de hoje que compramos no supermercado.

Desse modo, percebe-se que, a elite se apropriava dos recursos vindos do governo para aumentar ainda mais seu poder aquisitivo as custas da miserabilidade do povo, ocasionada não somente pela seca, mas pela falta de projetos que visem a convivência com a mesma, porque o que o governo faz com a proposta de combate à seca apenas prolonga o sofrimento do povo Nordestino, já que sanam por um tempo tal problemática, que torna a abalar a população nas próximas situações de estiagem causadas pela falta de chuva, fazendo com que a classe dominante continue com suas políticas de indústria da seca, fazendo com que esse ciclo apenas se renove ano após ano.

Ainda de acordo com Silva (2006), no início do século XX, o Estado entra com ação mais sistemática em busca de meios para que se possa conviver com a seca,

criando a Inspetoria de Obras Contra a Seca (IOCS), que tinha como objetivo desenvolver políticas públicas, investindo em grandes obras como a construção de açudes, que pudesse minimizar os problemas ocasionados durante os períodos de estiagem, no entanto, jamais se preocupando com as formas de convivência com a seca:

Foi uma obra orquestrada de caráter permanente, que serviu para impulsionar o mercado de terras, porém, o projeto não deu certo, o governo alegava a falta de técnicos, que para desenvolver projetos de combate à seca, em seguida mudou para Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), tendo um caráter maior de atuação, mas também não vingou, pois os custos orçamentários eram maiores que o planejado, mas logo transformou-se em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas DNOCS (SILVA, 2006, p. 48).

De acordo com Bursztyn (2008) o surgimento e criação de políticas públicas para buscar meios possíveis de convivência com a seca, consolidou muitas das propostas, ainda que as mesmas apresentassem diferentes finalidades, e objetivos convergentes, que era resolver o problema da seca a partir da estratégia de combate porém, por falta de planejamento, esses projetos não atingiram os objetivos propostos, pois atendia apenas uma minoria burguesa, servindo somente como uma das ferramentas de controle dos camponeses após levante de Canudos:

Essas instituições estão longe de ser representativas do intervencionismo planejado. Seus projetos nunca tiveram o objetivo de agir como mecanismo de transformações estruturais. Ao contrário, desde sua criação, o IOCS, por exemplo, assumiu o papel de preservar a estrutura de produção local, sendo portanto, muito mais um mecanismo de manutenção da estrutura de dominação do que um instrumento transformador” (BURSZTYN, 2008, p. 44).

Desse modo, observa-se que a seca, não afetava apenas a população e a economia do sertão, desestruturava a todos, porém, os programas pouco se importavam com o flagelo causado pela seca, a elite dirigente, estava preocupada em se manter no poder, e nada fazia pelos sertanejos. Com a irregularidade pluviométrica não se produzia alimentos e os moradores tinham que migrar para outras localidades em busca de alimento e melhores condições de sobrevivência.

Durante os períodos de estiagem, os mais atingidos são os pobres, pois logo a alimentação ficava escassa, os recursos diminuem os animais começam a morrerem se seus donos não conseguirem meios para garantir a alimentação dos mesmos e nessa altura das pequenas plantações já não restam mais nada dessa

forma os sertanejos do semiárido que não conte com as devidas providencias para a convivência com a seca sofrem pela falta de agua e de alimento havendo assim uma desorganização da economia e em busca de melhores condições os sertanejos acabam buscando outros locais que disponibilizem melhores condições de vida abandonando suas terras, como afirma Castro (2011) que:

Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primaria da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada (ibid, p. 158 – 159).

Assim, Silva (2006) afirma que, a seca é um fenômeno que afeta a todos, mas que não há como combatê-la, e é nessa perspectiva que o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) criado em 1958 e liderado por Celso Furtado vai elaborar um plano de trabalho com o objetivo de fazer um levantamento sobre as questões relacionadas a seca, a partir de então, se constatou que o baixo dinamismo econômico vivenciado anteriormente, era característica importante, que havia se instalado na base produtiva, impedindo que o Nordeste crescesse economicamente, de forma que, enquanto a indústria no Sudeste conduzia o crescimento econômico, o Nordeste se mostrava incapaz de continuar se desenvolvendo.

Demonstrou ainda que as tentativas de mudanças através das ações do governo não deram certo, e para superar os problemas causados anteriores, o GTDN tinha como principal proposta estimular a industrialização, e também teria que haver uma reorganização econômica de forma que o Nordeste pudesse se desenvolver economicamente contando com o apoio do governo as empresas nacionais e multinacionais, dessa forma romperia o baixo dinamismo econômico preexistente na região.

Contudo, conforme Silva (2006), o relatório produzido pelo GTDN em 1958, foi de suma importância sobre os aspectos econômicos, constatou-se que a fragilidade econômica no semiárido estava na agricultura de subsistência, devido à baixa produtividade e uma economia debilitada, e ainda o baixo poder de compra, de forma que, durante os períodos de estiagem, a crise assola a população.

Constata-se ainda, que as ações do governo de combate à seca, tanto a longo como a curto prazo, não surtiram os efeitos esperados, o que se obteve como resultado foi a retenção da população nos seus locais de trabalho, por meio da distribuição de alimentos, ou seja, as políticas governamentais, foram apenas assistencialistas e controladoras, tinha como intuito conter a população para que não pudessem migrar para outros locais. Apesar do relatório produzido pelo GTDN ter caráter político, sentiu-se a necessidade de reformular o papel e repensar as ações do governo, de maneira viável e que transformasse a estrutura social da região.

Outro marco importante, foi a criação da Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste, em 1959 (SUDENE) a partir das proposições econômicas feita pelo Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que tinha como objetivo desenvolver projetos para o desenvolvimento da região semiárida, e incentivar que as políticas de desenvolvimento econômico fossem melhor distribuída cumprindo seu objetivo, no entanto, a experiência da SUDENE foi pouco desenvolvida e não cumpriu seu propósito, de modo que, as oligarquias se apropriaram dos órgãos públicos para utilizar em benefício próprio. A política de desenvolvimento da SUDENE era setorial e multisetorial, ou seja, era uma política de modernização agrícola, ao mesmo tempo que havia uma preocupação em controlar as ligas camponesas, conforme explica Bursztyn (2008):

As condições que determinar a criação da Sudene são complexas. Podemos destacar, em nível local, o caráter inoperante do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) e do DNOCS, assim como os movimentos sociais, terreno em que se destacam as Ligas Camponesas (ibid, 2008, p. 44).

De acordo com Silva (2006), apesar de propósitos mais amplos das políticas públicas estatais no semiárido, derivavam também dos receios das classes dominantes de crescimento de movimentos de massa no campo, a exemplo das Ligas Camponesas. As Ligas Camponesas eram uma forma de se defender dos ataques dos latifundiários, pois produziam a monocultura da cana de açúcar para exportação, e os grandes proprietários se aliam as empresas internacionais, vinculando-se aos grandes empreendimentos. Sendo assim, a SUDENE foi criada a partir das proposições econômicas feita pelo GTDN.

No entanto de acordo com Silva (2006) a Sudene não tinha uma atuação

intensiva, era limitada, pois a elite do poder econômico se mantinha no controle, e não era intenção do Estado ir de encontro as oligarquias, tinha que manter o equilíbrio; outro fator é que, a burocracia e a administração estava centrada nos grupos dominantes, assim, as propostas que poderiam viabilizar a transformação da região esbarrava na burocracia. Porém, apesar das dificuldades enfrentadas para desenvolver seus objetivos, a SUDENE teve um papel importante, como um novo olhar para o Nordeste e novas propostas de desenvolvimento econômico, com o apoio do Governo Federal e articulando os interesses dos governantes estaduais, novos mecanismos foram implantados, com o objetivo de desenvolver o Nordeste, elevando-o ao novo patamar, retirando a região da lentidão econômica em que se encontrava.

A atuação da Sudene foi fundamental para aglutinação e a formação de uma capacidade técnica e política especializada para a condução dos programas regionais, apoiando instituições de ensino superior e médio, promovendo diversos cursos de especialização e apoiando estudos e pesquisas científicas voltadas para o conhecimento da realidade nordestina, desenvolvendo técnicas apropriadas aos recursos naturais da Região e para integração do Nordeste no mercado nacional e internacional (SILVA, 2006, p. 62).

E assim, conforme afirma Silva (2006), na busca de melhorar o desenvolvimento econômico veio a modernização agrícola, que nada mais era que, uma modernização conservadora criada na Ditadura Militar, em que os programas desenvolvidos visavam apenas manter a produção agrícola dos grandes latifundiários, e que não redefiniu a estrutura fundiária. Durante a Ditadura também foram gestados vários programas e projetos que tiveram como alvo o semiárido nordestino como o Proterra II PND, Polo Nordeste, Sertanejo, entre outros. De modo geral, eles objetivavam: alavancar o mercado de terras; evitar uma reforma agrária ampla; controlar os movimentos de massa dos camponeses e; adotar o semiárido de ilhas da prosperidade econômica alicerças na monocultura exportadora.

De acordo com Malvezzi (2007) povos sertanejos cansados de esperar do governo uma ação real que lhes proporcionasse um melhor convívio com a seca resolveram através de reunião em que se encontravam presente representantes da comunidades como agentes pastoris e sindicalistas junto com o povo tiveram a ideia de construir cisternas de placa, inicialmente foram construído 50 unidades para testes que deram certo e com o apoio dos recursos da Oxifam agência

britânica, o projeto 1 milhão de cisternas começa a dar certo de forma que observou-se que a sua construção, era uma via de convivência com o semiárido. Porém, a ideia de tal construção entre as comunidades foi aumentando de modo que, de acordo com Malvezzi (2007):

As paróquias ao redor passaram a arrecadar recursos no exterior e implementar programas locais de construção. Em 1997, a diocese de Juazeiro decidiu transformar aquele programa paroquial, em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em um projeto diocesano. Foi criado o programa “adote uma cisterna: até 2004, nenhuma família sem água” (ibid, 2007, p. 120).

Assim, com o dinheiro que arrecadaram, possibilitou a ampliação do projeto, estendendo-se para outras paróquias, ONGs e sindicatos, lutando sempre com o objetivo de construir novas cisternas para captação de água. De acordo com Malvezzi (2007), o avanço maior aconteceu após a III Conferência das Nações Unidas para o Combate à Desertificação, no qual as ONGs que já atuavam no semiárido estavam presentes, lutando contra a desertificação, inspirada no projeto desenvolvido pela diocese do Juazeiro, ganhou força e passou a abranger todo o semiárido. No entanto, ainda havia um último grande fator, que iria concretizar de fato o projeto, durante a Semana Social da Grande Região Nordeste, é quando as igrejas se unem a outros movimentos, incluído a ASA, que numa ação mais organizada e articulada, transformou o projeto em ação maior, ou seja, demonstrou que é possível conviver no semiárido nos períodos secos, porém é necessário que se pense em ações que condiga com a realidade.

Houve também outro projeto denominado “Uma terra duas águas”, era baseado numa experiência desenvolvida pelo governo chinês para o semiárido daquele país, o projeto era bom e articulado, mas pressupunha uma reforma agrária, pois para o mesmo dar certo, teria que ter a terra, para poder receber água, e sem o primeiro não tinha como dá seguimento ao plano. Não é do interesse do Governo Federal fazer a Reforma Agrária, isso viria a incomodar as oligarquias.

Assim, após tantas discussões, surge um novo projeto, a transposição do Rio São Francisco, de forma que, a irrigação no baixo São Francisco, irá beneficiar apenas os grandes latifundiários, que produz agricultura irrigada para exportação, em quanto que, os pequenos produtores não podem ter acesso por falta de condições pra irrigar, ou porque são expropriados de suas terras, no qual é obrigado a vender ao governo por um valor insuficiente.

Assim, pode-se dizer que os projetos desenvolvidos no semiárido, contribuíram para fortalecer uma ideia que a seca deve ser combatida, de forma que a ideologização da mesma serviu para ocultação da realidade, em quanto que a concentração fundiária se consolidava.

Mas não se pode dissociar a seca do semiárido, pois é um fenômeno natural, no qual é possível conviver, basta que se desenvolva projetos que leve em considerações as condições regionais. De acordo Silva (2006, p. 21):

O semiárido passa a ser concebido enquanto espaço no qual é possível construir ou resgatar relações de convivências entre os seres humanos e a natureza, com base na sustentabilidade ambiental, e combinando a qualidade de vida das famílias sertanejas com o incentivo as atividades econômicas apropriadas.

Mediante o exposto acima, é possível conviver com o semiárido, basta que as ações sejam condizentes com a realidade regional, e essas busquem equilibrar a relação do homem com a natureza.

CAPÍTULO 2 – Análise dos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental e médio da escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva.

2.1 - Análise do livro didático de Geografia, projeto Araribá do 7º ano do ensino fundamental.

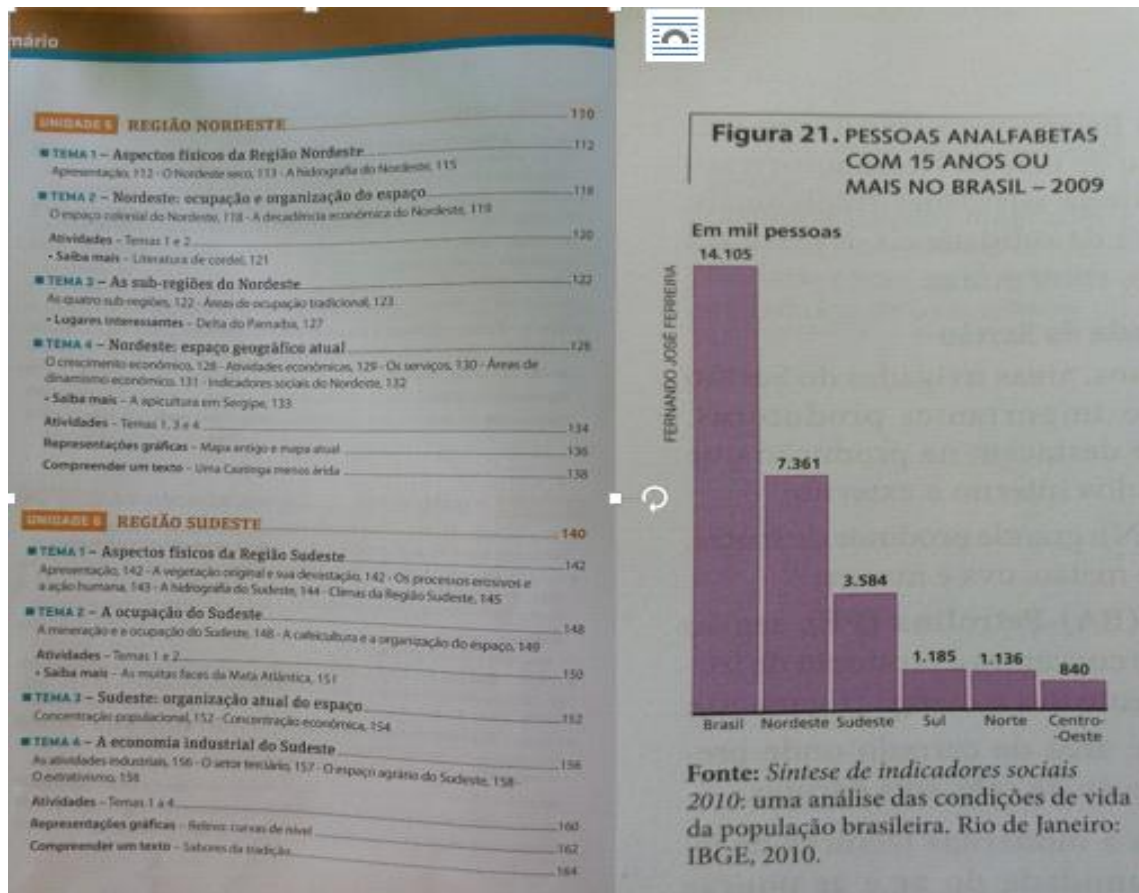
Para iniciar a análise de um livro, devemos começar sempre pela capa, já a que a mesma deixa claro, a que tipo de público o livro deve atender, o mesmo é composto de informações essenciais adequadas a faixa etária de idade que ele será direcionado, a organizadora evidencia que é uma obra coletiva, aponta o editor responsável muito atrativa com informações preciosas.

É uma obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna, tendo como editor responsável, Fernando Carlo Vedovate, o livro apresenta-se como uma boa opção para a faixa etária de idades dos estudantes que irão utilizar-se do mesmo, é uma obra dinâmica com textos, gráficos e atividades, apresenta uma boa estrutura de imagens, é de fácil entendimento pois é de linguajar simples, além de conter sugestões de leituras e sites para o(a) aluno(a) aprofundar seus conhecimentos.

Esse livro é composto de unidades e dentro de cada uma dessas unidades estão os temas a serem tratados que são de acordo com a temática expressa pela unidade, e vai desde a unidade 01 até a unidade 08, segue um rigoroso padrão de organização pois pudemos perceber que cada unidade é composta, precisamente, por 04 temas, e ao final de cada unidade ou até mesmo no intervalo entre temas contém atividades, representações gráficas, e sempre um texto extra e quadros com informações adicionais pra fixar melhor o assunto, além de conter também em alguns casos um textos acompanhado de um quadro informativo e em seguida atividade.

Para realizar as atividades práticas requer que o aluno faça uma boa interpretação de dados que estão disponibilizados nas tabelas e nos gráficos, além de estimular a análise de imagens e relacioná-las com as informações dos textos, ajudando a fixar o que está sendo estudado e recordando o que já se sabe sobre a temática.

Figura - 1:Parte do sumário do livro didático e gráfico informativo



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 7º ano do ensino fundamental Projeto Araribá. Organização: Girilânio Oliveira, 2018.

Existe ao fim de cada unidade questões relacionadas ao Enem, que familiarizarão o aluno com as futuras pretensões de poder prestar o mesmo para posteriormente entrar em uma faculdade em relação a temática existem várias perguntas colocadas de forma geral e não tem um direcionamento exclusivo para a temática da seca na região, tanto no que se refere aos textos como as atividades pois é abordado apenas *en passant* algumas questões relacionadas a região de forma geral.

O livro traz temáticas que com seus conceitos englobam tanto questões do passado como a formação do território brasileiro, desde a abordagem de temas atuais relacionados ao dia a dia como clima, relevo, hidrografia, pecuária, agricultura, turismo, imigração, concentração populacional, problemas sociais e ambientais, sempre com textos curtos, mas com muita coerência e apresentando

sempre imagens ilustrativas.

O livro traz aspectos que propõe ao aluno a ir além do que está escrito no mesmo, o impulsionando a pesquisar materiais complementares, para um melhor aprimoramento de seus conhecimentos, deixando também o espaço para que o professor(a) aja de forma a complementar tal aprendizagem com métodos que atraíam a atenção dos alunos para o assunto.

As atividades são coerentes com os textos, além de proporcionar que o estudante busque maiores informações em outras fontes, tem também indicações de filmes, para ampliar as possibilidades de aprendizagem, que não devem ficar engessadas no livro didático, e traz as referências bibliográficas, informando a origem do material, de onde ele foi retirado.

Como a temática do presente estudo, engloba o Nordeste e as contradições existentes relacionadas a seca, consideramos necessário trazer um breve apanhado ao qual aborda o livro didático sobre a Região, fazendo um contraponto do que o livro traz sobre a seca e os programas de convivência ou combate a mesma.

Vedovate (2010) discute sobre a região Nordeste apontando seus aspectos físicos, trazendo a temática da seca de uma forma muito resumida e simplista, abordando temas como a caatinga, o clima, a hidrografia da região, o Rio São Francisco e sua transposição, a ocupação e organização do espaço nordestino, as sub-regiões do Nordeste, e o espaço geográfico atual.

Todo esse contexto trazido por Vedovate é exposto de forma bastante resumida presumimos que é propositalmente, levando em consideração que se o autor for se estender ou adentrar as questões gerais uma obra não seria suficiente para descrever sobre uma temática que se apresenta extensa e vasta de informações, aparentemente, essa forma de propor as temáticas tem o intuito de fazer com que o próprio professor(a), adentre em questões mais voltadas para sua localidade, sua região e para o dia a dia de seus alunos.

Já no final da unidade que discorre sobre o Nordeste, está disponível um pequeno texto, de Picarelli (2011), em uma seção do livro denominada “Compreender um texto” em que é apresentado o texto “Uma Caatinga menos árida” que levará o aluno a obter informações extras, e são estimulados a lerem mais, apresenta-se de muita importância no tocante a temática da seca na região, já que esse foco não é dado com ênfase no decorrer do livro, nesse pequeno texto

o autor aborda iniciativas como o armazenamento de água através de cisternas, que é apontada como uma das tecnologias que visam melhorar o convívio do nordestino com o semiárido. Seguindo essa linha de raciocínio Picarelli (2011), define cisternas da seguinte forma:

Cisternas são reservatórios subterrâneos que captam e armazenam a água da chuva, já estão presentes na vida de muitos agricultores e têm conseguido garantir um inverno mais longo e farto (PICARELLI *apud* VEDOVATE, 2010, p. 138).

Picarelli (2011) enfatiza no texto o aspecto do semiárido fazendo uma relação do “período conhecido pelos sertanejos como inverno, que compreende os meses de novembro a abril, onde a caatinga – que em tupi significa “mata branca” se reveste de tons de verde”. (ibid *apud* VEDOVATE, 2010, p. 138). De acordo com o texto de Picarelli expresso no livro didático, Projeto Araribá do 7º ano;

Iniciativas de convivência com o semiárido procuram prolongar os benefícios da chuva por meio de tecnologias simples de armazenamento de água, numa tentativa de desacelerar o processo de evaporação (PICARELLI *apud* VEDOVATE, 2010, p. 139).

De acordo com o exposto no texto: o maior problema do semiárido não é a falta de água causada pelas chuvas irregulares ou pela ausência da mesma em alguns períodos do ano, pois esse é um fato que influencia muito na forma de vida da população nordestina e automaticamente nos aspectos naturais da região, interferindo muito no que diz respeito a aridez, mas essa falta de chuva não é o principal causador da relação existente entre a escassez de água e a seca, pois o que precisa se adequar e melhorar são os meios de se armazenar a água da chuva, pois em números a quantidade de água que evapora é bem maior que a que precipita, para exemplificar esse fato Malvezzi afirma que:

A rápida evaporação da água é provocada por fatores naturais do ambiente. O déficit hídrico não é provocado pela falta de chuva, mas pela relação entre a chuva que cai e a que evapora. Pela influência do calor e dos ventos, para cada milímetro de chuva que cai, evaporam três. Temos água mas temos dificuldade de guardá-la (MALVEZZI, 2007, *apud* VEDOVATE, 2010, p. 139).

De acordo com Picarelli (2011) o subsolo da região que compõe o semiárido nordestino, em sua grande maioria é formado por um solo raso e rochoso com uma alta composição de rochas rasas que torna a região com um baixo poder de

armazenamento de água, pois as águas da chuva escoam com facilidade, e quando por alguma influência do homem ou até mesmo natural se consegue barrar essa água em quase toda sua totalidade ela tem grandes chances de se salinizar:

Outro fator que contribui para a o problema do armazenamento da água é a composição do subsolo. Cerca de 70% da área do semiárido é formada por rochas cristalinas rasas que dificultam a formação de rios perenes e tornam a água salinizada, imprópria para o consumo humano (MALVEZZI, 2007 *apud* VEDOVATE 2010, p. 139).

Vedovate traz um breve apanhado de forma resumida sobre o DNOCS, CODEVASF e SUDENE, mas para aprofundarmos mais sobre a temática trouxemos aqui o diálogo de Silva (2006) pois traz informações que complementam Vedovate no qual afirma que a CODEVASF, criada em 1974, advém da Suvale que por sua vez havia sido criada em 1967, em que havia iniciado sua atuação nos estados de Alagoas, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco e Sergipe, mas em meados dos anos 2000 a Codevasf passa a atuar também no vale do Rio Parnaíba, englobando os estados do Maranhão e Piauí, sendo que o ponto forte da mesma era:

O incentivo a irrigação, a geração de energia, as obras de infraestrutura de transporte (rodovias, aeroportos e campos de pousos) e ao desenvolvimento urbano com saneamento básico entre outras. “No entanto companhia se dedicou a irrigação empresarial, cresceu e desenvolveu atividades econômicas voltadas para a ação de empresas a que ela se associava, financiando a implantação de obras de infraestruturas que trariam vantagens para as mesmas (ANDRADE, 1999, *apud* SILVA, p.74).

Com a finalidade de contribuir e enriquecer o texto trazemos Oliveira (1981) com o livro denominado *Elegia para uma Re(li)gião*, no qual traz uma vasta gama de informações sobre o Nordeste de forma geral, e seus aspectos, abordando desde o Nordeste açucareiro até o Nordeste algodoeiro pecuário, as transformações ocorridas nas regiões Sul e Sudeste em relação ao processo de industrialização pelo qual passou a região e a demanda de mão de obra do Nordeste para as respectivas regiões, sobre o DNOCS Oliveira(1981) afirma que:

O Departamento Nacional de Obras contra as secas, mais conhecido pela sigla DNOCS, que nasceu sob a denominação de Inspetoria Federal de Obras contra as Secas – IFOCS – na primeira década deste século, representou em alguma medida, um esforço racionalizador; é notável, mesmo

nos seus primórdios o esforço despendido no estudo da Ecologia regional, recrutando até especialistas estrangeiros que, ao lado de alguns nacionais, formaram uma excelente equipe de engenheiros, agrônomos, botânicos, sob a batuta de Miguel Arrojado Lisboa e a condução científica de Jose Augusto Trindade, cuja tradição foi continuada por Jose Guimarães Duque (ibid, p. 51).

De acordo com Oliveira (1981) percebe-se que a seca não é um problema exclusivo do Nordeste semiárido, pois todo o território nacional pode enfrentar dificuldades referente a mesma, nem que seja de forma temporária e que o DNOCS foi criado para agir em combate a esse fenômeno em qualquer região do país onde quer que ele venha a se apresentar, mas o DNOCS sequer executou uma obra fora do Nordeste dessa forma Oliveira afirma que:

O fato de nunca ter realizado nenhuma obra fora do Nordeste, é um resultado de sua captura pela oligarquia regional, e não uma intenção ou objetivo inicial. A pressa e leviandade em considerar o DNOCS como a primeira manifestação do planejamento em escala regional não leva em conta alguns aspectos fundamentais para a emergência de um padrão “planejado” da reprodução econômica e social. Convém em primeiro lugar, não desconsiderar o fato de que sequer havia, na época de criação da IFOCS e do DNOCS, uma teoria de planejamento ou, num sentido mais amplo, teorizações sobre planejamento num sistema capitalista (ibid, 1981, p. 51).

Quanto ao processo migratório de acordo com Vedovate (2010) o Nordeste sofre grande perda que foi acarretada pela transferência da Capital de Salvador para o Rio de Janeiro e pelo declínio sofrido pela produção açucareira, que foi afetada pela falta de planejamento para a região, fazendo com que essa fase de crescimento que vinha ocorrendo até então se transformasse em momentos de aperto financeiro, ocasionando dessa forma o processo migratório, nesse sentido o autor explica que: “o Nordeste tornou-se um espaço de perdas populacionais, pois as pessoas passaram a migrar para outras regiões em busca de melhores condições de vida” (ibid. VEDOVATE, 2010).

Ainda de acordo com Vedovate(2010) no Brasil sempre houve um constante fluxo migratório, pois as pessoas estão sempre percorrendo trajetos de um estado para outro, em busca de emprego e melhores condições de vida, antes o fluxo de maior destaque era o de nordestinos em direção ao Sul, mas da década de 1990 pra cá esse fluxo vem se invertendo, sendo feito, não raro, o caminho de volta, Vedovate afirma que:

No Brasil as migrações internas são intensas. Entre os fluxos que ocorre entre as regiões e os estados, o do Nordeste para o sudeste se destaca. O contrário também, devido a reativação de certos setores da economia nordestina na década de 1990, com o turismo (ibid, 2010, p. 29).

Essa perspectiva dialoga com Oliveira (1981), no qual aborda sobre o processo de mudança sofrida pela região Sul e Sudeste, a conversão da região do café em região da indústria começa a redefinir a própria visão regional do trabalho em todo conjunto nacional. Seu papel nessa divisão regional do trabalho no que diz respeito a “região” Nordeste passa a ser de um lado, sistematicamente a reserva do exército industrial de reserva: as migrações Nordeste-São Paulo chegam a constituir um formidável contingente que vai suprir os postos de trabalho criados pela industrialização, e contribuir para manter baixos os níveis de salário real de toda a massa trabalhadora.

Vedovate (2010), faz uma breve abordagem sobre a migração temporária, no qual ele diz que essa migração “é o deslocamento populacional que ocorre em determinados períodos do ano para locais em que há trabalhos temporários” (Ibid., p. 50).

Um exemplo claro dessa migração temporária é a ida de trabalhadores da região semiárida para a Zona da Mata do nosso estado em determinados períodos do ano para trabalharem em atividades ligadas a cana de açúcar que vão desde o plantio até o corte e colheita da mesma, ou a ida de trabalhadores para outros estados para a colheita de determinada lavoura, e esses são fatores que ocorrem com muita frequência em nossa região, tanto é que Vedovate (2010) exemplifica dizendo que: é a época de colheita de produtos agrícolas em certas regiões, que atrai trabalhadores de cidades e até estados vizinhos (Ibid., p. 50).

Sobre a ida de trabalhadores para a Zona da Mata o professor Cícero Albuquerque (2013), aborda essas questões fazendo uma análise do migrante que deixa sua pequena propriedade aos cuidados de sua esposa e filhos, para se aventurar na zona canavieira em busca de uma melhor condição de vida, e nessa perspectiva afirma que:

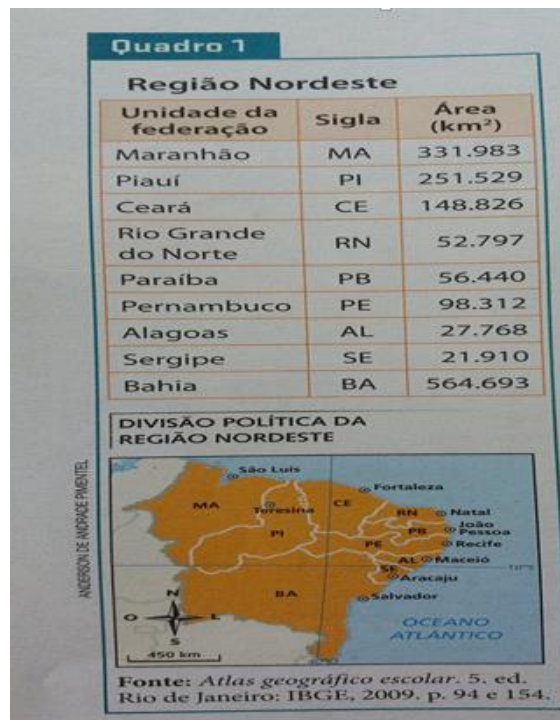
Durante a estiagem e a seca, migrar não é uma opção, é uma exigência para manter a terra e sua condição camponesa. Tivesse o camponês um pedaço maior de terra e assistência técnica adequada dificilmente ele migraria, seria possível viver melhor no semiárido. No entanto, há séculos, camponeses nordestinos são obrigados a migrar periodicamente. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 298).

Ainda conforme Albuquerque (2013) “a migração para o mundo canavieiro, assim como outras atividades, tem função complementar a atividade camponesa, insere-se na categoria de trabalho pluriativo”. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 298).

De acordo com Albuquerque idem, esse processo migratório para a região canavieira segue um padrão que determina o período que o processo ocorre, ele afirma que após a colheita dos grãos produzidos nas pequenas propriedades ou até mesmo durante a colheita, que é basicamente com o fim do inverno e início do verão, é que os homens migram para o trabalho nas usinas com o intuito de ficar por lá até o fim da temporada e que:

Quando as primeiras chuvas dão sinais, eles regressam para suas terras. No entanto, o migrado traz sempre alguma economia, a garantia de uma indenização de fim de safra ou de uma renda posterior na forma de seguro desemprego (ALBUQUERQUE, 2013, p. 299)

Quadro 1:Quadro com os respectivos estados que compõem o Nordeste, com sigla e área.



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 7º ano do ensino fundamental Projeto Araribá. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

O livro didático não menciona as grandes obras públicas de combate à seca

no Nordeste, como a construção de açudes, e nem critica tais políticas, ou seja, o livro aborda apenas questões gerais como a colonização, a monocultura da cana de açúcar, a decadência da economia nordestina, o crescimento econômico entre outros assuntos havendo apenas algumas indicações de leituras.

2.2 - Análise do livro didático de geografia do 8º ano do ensino fundamental projeto Araribá.

O livro apresenta capa com cores chamativas, traz a figura de uma mulher vestida com roupas que dá a entender que representa a cultura das mais variadas raças, na própria capa o livro já apresenta um leque de informações com pareceres necessários como o ano e a que faixa etária para o qual o livro será endereçado. Disponibiliza também na própria capa informações como a organizadora que é a Editora Moderna, pois se trata de uma obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna, e foi proposto para atender aos alunos durante os anos 2014, 2015 e 2016, compondo o projeto Araribá, 3º edição 2010.

Esse livro por ser da mesma editora e do mesmo editor do livro do 7ª ano, apresenta basicamente as mesmas características, é exposto de forma clara e regular, apresentando-se como uma boa opção para a faixa etária de idades dos estudantes que os farão uso, é uma obra dinâmica com textos, gráficos e atividades, apresenta uma boa estrutura de imagens, é de fácil entendimento pois é de linguajar simples, além de conter sugestões de leituras e sites para o estudante aprofundar seus conhecimentos.

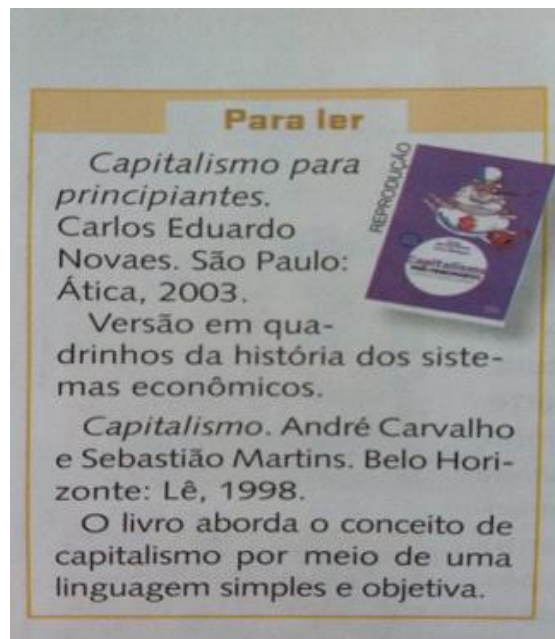
Esse livro é composto por unidades e dentro de cada uma delas estão os temas a serem tratados, que são de acordo com a temática expressa pela unidade, que vai desde a unidade 01 até a unidade 08, e que segue um rigoroso padrão de organização, pois pudemos perceber que cada unidade é composta precisamente de 04 temas, e ao final de cada unidade, ou até mesmo no intervalo entre temas contém atividades, representações gráficas, e sempre um texto extra e quadros com informações adicionais pra fixar melhor o assunto.

Sempre nas aberturas de cada unidade está disponibilizado um pequeno texto, que apresenta de forma resumida os conteúdos a serem discutidos e desenvolvidos na unidade, no decorrer do mesmo, estão disponibilizados tabelas e gráficos para que possa ser feita uma análise mais detalhada por parte do usuário,

além de estimular a leitura das informações em diferentes linguagens, um exemplo é a linguagem cartográfica.

As atividades existentes levam o aluno a analisar as imagens e por meio delas relembrar o que já sabe, os elementos visuais ilustrados exemplificam e auxiliam o estudante, sendo uma complementação da temática desenvolvida na unidade, além de levá-los a interpretar dados de quadros e gráficos para a partir deles tirarem suas conclusões.

Quadro 2: Quadro denominado para ler.



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 8º ano do ensino fundamental Projeto Araribá. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

O livro traz aspectos que propõe ao aluno a ir além do que está escrito no mesmo, impulsionando o mesmo a seguir em busca de materiais complementares, para um melhor aprimoramento de seus conhecimentos, deixando também o espaço para que o professor(a) aja de forma a complementar tal aprendizagem com métodos que atraiam a atenção dos alunos para tal temática. Com o intuito de proporcionar aos alunos conhecimentos extras que vão além da sala de aula em todo o livro encontra-se quadros informativos que chamam a atenção do aluno para um determinado tema, como por exemplo um quadro com o título “para ler e outros para assistir”, em que nele o aluno vai ser direcionado a um determinado tema, com as referências necessárias para que se consiga encontrar o material de apoio

complementar.

Esse livro ajuda-nos a conhecer um pouco sobre os lugares do Brasil e do mundo percebendo as características das regiões, dando a impressão que o mundo lá fora não é muito diferente do seu em alguns aspectos, mas em outros as diferenças são grandes, podendo haver lugares onde as pessoas podem ter um modo de vida semelhante ao seu, diferente de outros com modos de vidas bem distintos, o livro deixa claro as inter-relações existentes entre os povos e com o meio em que vivem construindo e desconstruindo a todo instante.

Figura 2: Indicativo de filme e um pequeno texto acompanhado de imagem e atividade.

The image shows a page from a didactic book with three main sections:

- Para assistir:** A yellow-bordered box containing movie recommendations. It lists 'Tucker: um homem e seu sonho' (1988) and 'O aviador' (2004), both with brief descriptions and director information. A small image of the movie 'The Aviator' is included.
- Uma outra globalização:** A text excerpt discussing globalization, mentioning Milton Santos and the concept of a 'more human' globalization. It includes a quote from Santos: 'SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 18-20.'
- Atividades:** A section titled 'Atividades' with a sub-section 'Obter informações' containing three numbered questions about Milton Santos' work. To the right, there are partial sections for 'Interpretação' and 'Reflexão'.

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 8º ano do ensino fundamental Projeto Araribá. Organização: Gírlânio Oliveira, 2018.

O livro traz temáticas como a regionalização do espaço e a economia global, dando ênfase ao continente americano, com sua população e economia, levando em conta ambas as Américas, e por fim aborda questões relacionadas ao Brasil, como política externa brasileira, Brasil potência regional, o Brasil e as organizações internacionais e o Brasil no mundo globalizado.

O livro como já mencionado em outras ocasiões aborda apenas questões gerais voltadas para o mundo, e se tratando do Brasil o que é tratado é a sua relação com os países vizinhos, os projetos para com os mesmos, e a relação do

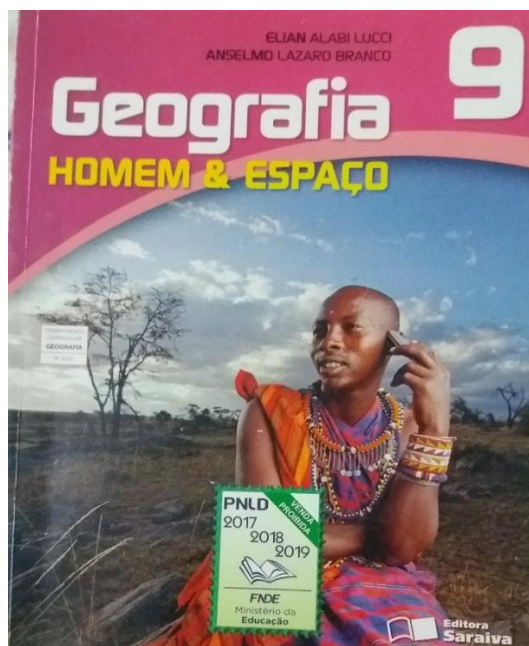
Brasil com as organizações internacionais como, Mercosul, Alca, ONU, OMC, os Brics e a globalização da economia brasileira.

Não discute a temática da seca no Nordeste, as questões relacionadas a migração do Nordeste para o sul do país, a presença do latifúndio, e nem as políticas de combate à seca adotadas pelos vários governos que aqui se fizeram presente, e suas obras de combate à seca, e também não abordou os sujeitos que se organizaram e que ainda se organizam e lutam por uma transformação do Nordeste como, ASA, MST e a Cáritas.

2.3 - Análises do livro didático de geografia do 9º ano do ensino fundamental, Geografia Homem e espaço.

O livro apresenta em sua capa informações essenciais, indica a que séries o mesmo deve ser direcionado deixando claro o título da obra e o autor, para quais anos será indicado a utilização do mesmo pelos alunos no qual respeita uma gama de conteúdos que foi programado para aqueles anos subsequentes, em sua capa existe “uma ilustração que mostra um homem da etnia Masai na região de Mara, no Quênia usando celular”.

Figura 3: capa do livro do 9º ano do ensino Fundamental



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 9º ano do ensino fundamental Projeto Araribá. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Essa imagem mostra a evolução tecnológica que vem ocorrendo ano após ano, pois mesmo em lugares distantes das grandes civilizações estamos conectados ao mundo, e em constante relação com o mesmo, aproveitamos a oportunidade para trazer um breve apanhado do que diz Milton Santos, sobre a evolução da comunicação e como estamos nos relacionando com o mundo através dessa técnica que é a informação, de acordo com Santos(2001),

A técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros. O princípio de seletividade se dá também como princípio de hierarquia, porque todos os outros lugares são avaliados e devem se referir àqueles dotados das técnicas hegemônicas (Ibid., p. 13).

O livro é formado por unidades e capítulos, sendo composto por 06 unidades e 20 capítulos, nas aberturas das unidades há imagens atuais acompanhadas de um pequeno texto relacionando a temática que será desenvolvida nos capítulos. Nas aberturas dos capítulos está disponibilizado uma seção denominada para contextualizar, com atividades que são utilizadas como ponto de partida para a análise dos conteúdos que serão abordados, propondo questões para que o aluno possa ler, interpretar e analisar as imagens e os textos variados.

Além de toda essa contextualização existe, logicamente, o texto principal, descrito com uma linguagem objetiva e fluente, para que os alunos possam ler e compreender os aspectos dos textos, que unem recursos visuais variados. No glossário está disponível palavras ou termos que talvez o aluno não conheça, sempre acompanhadas de suas respectivas explicações ou traduções.


Existem boxes distribuídos ao longo do livro em que nesse espaço se faz indicação de materiais complementares como filmes e sites, que tratam da mesma temática a que se refere o capítulo. Na opção explore temos a sugestão de exercícios que provavelmente fará o aluno a fazer a análise e interpretação do texto e das imagens.

É composto por seções em que essa que encontra-se na imagem abaixo é denominada “para compreender”, nela é apresentado questões que envolvem comparação, diferenciação, identificação e análise, existe a seção para sistematizar e para fechar, o projeto especial que são encontrados nas páginas ímpares e esse projeto é composto por textos imagens e atividades e por último a parte que envolve as disciplinas tanto de Geografia como a de Artes.


figura 4: conjunto de imagens que levarão o aluno a analisá-las para em seguida responder a atividade

PARA COMPREENDER Fotografias e tabela

Leia as informações das fotografias e da tabela a seguir.



Em Portugal, o turismo turístico cerca de 13% do PIB. Praia dos Pescadores, em Algarve, 2013.




Vizitantes no Museu do Louvre, em Paris, França, 2014. Menos país, que é o mais visitado no mundo, a atividade turística representa entre 6% e 7% do PIB.

Chegada de turistas internacionais em 2011 e 2012 – principais países

Ranking	Milhões		Variação (em %)	
	2011	2012	2010-2011	2011-2012
1. França	81,0	83,0	5,0	1,8
2. Estados Unidos	62,7	67,0	4,9	6,8
3. China	57,6	57,7	3,4	0,1
4. Espanha	56,2	57,7	6,6	2,7
5. Itália	46,1	46,4	5,7	0,5
6. Turquia	34,7	35,7	10,5	3,0
7. Alemanha	29,4	30,4	5,5	1,3
8. Reino Unido	29,3	29,3	3,6	-0,1
9. Rússia	22,7	25,7	11,9	13,4
10. Malásia	24,7	25,0	0,6	1,3

Fonte: Organização Mundial do Turismo. Fichas estatísticas OMT do turismo, edição 2013, p. 4. Disponível em: <http://oecd-tourism.org>. Acesso em: 30 mar. 2015.



Na Grécia, o turismo representa 18% do PIB. Na fotografia, turistas no Partenon, uma das edificações mais famosas do mundo antigo, em Atenas, 2013.

Responda às questões a seguir.

- De acordo com as informações apresentadas, analise a importância da atividade turística na Europa.
- Quais tipos de atrativos o continente europeu apresenta, de acordo com as fotografias?
- Em sua opinião, por que o Brasil, mesmo sendo um dos países que apresentam as mais belas paisagens naturais do mundo, não figura entre os principais destinos dos turistas estrangeiros?

Capítulo 6 | Europa – realidade socioeconômica

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 9º ano do ensino fundamental Projeto Araribá. Organização: Girilânio Oliveira, 2018.

A obra intitulada Geografia homem e espaço, livro didático de Geografia do 9º ano do ensino fundamental, não aborda as questões relacionadas ao Nordeste, questões como a seca no perímetro, as políticas de combate ou de convivência com a mesma, o processo migratório existente na região que pode ser ou não impulsionado pela falta de chuvas frequentes.

Não aborda a existência latifundiária, e seguindo esse raciocínio o livro também não traz à tona a questão de construções públicas, como açudes, em propriedades de latifundiários, e nem faz menção aos sujeitos e ONGS que se juntam a população e a outras organizações não governamentais para se organizarem e lutarem, por uma transformação da realidade do semiárido, e não faz nenhuma crítica ao modelo desenvolvido ao longo do tempo pelos governos, que está focada apenas no combate à seca.

2.4 - Análise do livro didático de Geografia do 1º ano do ensino médio Ser Protagonista.

A capa apresenta um aspecto leve bem organizado e direcionado com informações claras e objetivas como título do livro, a que grau de escolaridade o mesmo está direcionado, e o ano que o mesmo deve ser utilizado que nesse caso é 2018, 2019 e 2020, e traz a organizadora que é a Edições SM, sendo da autora Bianca Carvalho Vieira. O livro apresenta uma estrutura bem organizada no qual são disponibilizadas unidades e capítulos, basicamente em toda unidade apresenta um texto introdutório com imagens relacionadas a temática a ser desenvolvida na sequência, na abertura dos capítulos contém textos e imagens se relacionam, e esses textos e imagens são complementadas por boxes variados, com o intuito de fortalecer a participação do aluno, além de facilitar a compreensão do texto com mapas e gráficos.

Sempre ao final dos capítulos contém atividades que permite a retomada da análise e a pesquisa dos assuntos abordados, essas atividades sempre vêm intituladas e esse tema determina o que será feito em cada etapa, essa titulação vem na forma de interpretação de textos e imagens, revendo conceitos e lendo mapas gráficos e tabelas. Existem os quadros com questões relacionadas a Vestibulares e as diversas provas do Enem que já foram realizados, possui textos que valorizam a diversidade, tem também seções como em análise e síntese da unidade.

O livro não faz menção ao Nordeste, não trata da seca na região, e suas contradições, não fala sobre os movimentos migratórios existentes, e no que se refere aos movimentos de luta pela terra, a obra faz apenas um breve relato simplificado sobre o MST e sua vertente.

2.5 - Análise do livro didático do 2º ano do ensino médio Ser Protagonista.

O livro apresenta uma capa bem sugestiva, com informações claras e detalhadas no qual consta série, a que categoria de ensino o mesmo é direcionado, a disciplina, edição, organizadora e André Baldráia como autor, o mesmo traz infográficos, um amplo número de imagens tipo fotografias, mapas e gráficos sempre acompanhados de um pequeno texto que auxilia na compreensão de cada

objeto ou fenômeno que ali está representado, a obra é composta por 04 unidades e 18 capítulos, e que para realizar as atividades é necessário que o aluno leia, interprete, analise as informações adicionais, e se necessário, vá em busca de outras fontes, inclusive as indicadas, como livros, filmes ou documentários.

Nas aberturas de cada unidade é disponibilizado um texto, que insere o aluno na discussão da temática que será abordada pela unidade, mesmo que de forma geral e contextualizada, trazendo sempre temas atuais, que no caso desse livro em específico o pequeno texto traz uma introdução, “sociedade e paisagens naturais”, dando ênfase ao ocorrido no município de Mariana em Minas Gerais, em 2015, com o rompimento de uma barragem que servia de depósito para os rejeitos oriundos da exploração de minério de ferro.

Esse texto introdutório é composto por uma imagem que complementa a informação, em todo o livro consta seções especiais e quadros que instigam o aluno a ir em busca de mais informações que irão complementar seu aprendizado com as seções “Saiba Mais, Assista, Leia e Navegue”, com indicações das mais variadas, como leituras, filmes, e sites da web. Tendo também quadros com informações que fazem o papel de ação e cidadania, a mistura da Geografia e da Arte com os estudos de outras áreas do conhecimento.

As atividades estão no final de cada capítulo em que tem como intenção a consolidação dos assuntos, no qual são distribuídas em “Revido Conceitos, Lendo Mapas, Gráficos, Tabelas e interpretando textos e imagens”. Tem também as seções que apresentam questões de “vestibulares e de Enem”.

As seções especiais trazem temas que valorizam a diversidade e combatem o preconceito e a discriminação, a parte “Projeto” traz um acontecimento ou um agravante que de alguma forma está gerando transtornos, seja para os seres humanos ou esteja afetando a biodiversidade alguma espécie nativa de uma determinada região, ou a extinção da mesma e propõe a resolução ou os meios possíveis para a resolutividade da determinada situação.

Quadro 3: quadro para o aluno interpretar texto imagem e gráficos

Interpretando textos e imagens

13. Observe a charge de Angeli.



a) Qual é a atividade que está sendo criticada?
b) Relacione o conteúdo da charge com a necessidade de criação de Unidades de Conservação ambiental.

14. Leia o texto a seguir e responda às questões.

É muito inquietante estudo publicado há poucas semanas (10/10 [2015]) pela conceituada revista *New Scientist* segundo o qual um terço dos solos superficiais do planeta está "ameaçado de extinção". [...] estamos perdendo solos a razão de 30 campos de futebol (30 hectares) por minuto – ou 1.800 campos por hora, 42 milhões por ano. [...] Se não fizermos essa perda, todos os

Lendo gráficos e tabelas

7. Analise o gráfico a seguir. Com base nos dados, discuta com os colegas o consumo da água no mundo.

Consumo de água para a produção de alguns alimentos (em litro)



Alimento	Consumo de água (em litro)
um hambúrguer	2400
um copo de leite	200
um ovo	135
uma maçã	70
uma fatia de pão	40
uma batata	25

A quantidade de água usada varia conforme o lugar, o tipo de cultura, a produtividade local e as condições de fornecimento, chuvas ou irrigação.

Fonte de pesquisa: FAO. Disponível em: <http://www.fao.org/nr/qa/qa/2000/0001/0001.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018, foto retirado do livro didático de Geografia do 2º ano do ensino médio Projeto Araribá. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

No que diz respeito aos fluxos migratórios esse livro apenas reforça o que já foi discutido no 7º ano, e traz novas considerações a respeito desses movimentos, com novos lugares de destino dos nordestinos, adentrando também nas outras formas de migração como as migrações inter-regionais e intrarregionais, e reafirma que os movimentos migratórios internos no Brasil ocorreram desde o período colonial.

Sobre o fluxo migratório de acordo com Baldraia (2016) a classe dominante usa como pretexto a localização geográfica e as condições edafoclimáticas da região para mencionar que o Nordeste é inferior às outras regiões e que esses aspectos físicos e climáticos que aqui predominam, são as causas e os motivos pelos quais o perímetro não apresenta um bom desenvolvimento, e com esse discurso falacioso esses sujeitos conseguem inebriar a mente de algumas pessoas, que na maior parte não dispõem de ao menos uma formação básica e são de fácil convencimento, nessa perspectiva Baldraia (2016) afirma que:

Esse fluxo migratório, que permaneceu importante nas décadas seguintes, gerou um mito que se manteve durante um longo período. Apontava-se a seca como principal fator que impelia o nordestino a migrar, o que não é

verdade. As causas reais da saída dos nordestinos tem raízes históricas, econômicas e sociais. Os fatores responsáveis pela migração são a falta de terras que encontram-se concentradas em latifúndios, a falta de emprego e a pobreza que independe das condições climáticas (BALDRAIA, 2016, p. 195).

A organização desse livro não é diferente dos anteriores e as temáticas fogem um pouco das questões ligadas a seca no Nordeste, perceber que no tocante a região o que mais se aborda são os movimentos migratórios, pois são apresentados com alguma frequência, já no tocante as políticas públicas de combate à seca, o mesmo não é satisfatório, pois não trata desses apontamentos, e também não faz nenhuma menção a convivência com a seca e não traz à tona os sujeitos que se organizam para lutar por uma transformação da realidade do semiárido.

2.6 Análise do livro didático do 3º ano Ser Protagonista

O livro didático do 3º ano apresenta basicamente os mesmos requisitos, apresentados pelo livro do 2º ano, já que tem as mesmas origens como editor responsável, edição, a obra também é coletiva o que muda é apenas um ou outro autor de uma obra para outra, já que a mesma é coletiva, seguindo então as mesmas características da obra anterior como unidades, capítulos, textos de apoio, ilustrações com imagens, infográficos e mapas, seção especial no qual aborda as análises, síntese das unidades, informes da atualidade, os projetos, a seção geografia e artes, as atividades sobre as temáticas abordadas no texto e questões relacionadas ao Enem.

Em relação ao Nordeste o que o livro traz é o relato sobre a ação do governo, no que diz respeito à seca em si e as políticas públicas adotadas, não tratando do processo migratório no Nordeste causado pela influência das secas, a existência latifundiária, a construção de obras públicas como açudes em terras particulares, os sujeitos e os movimentos sociais que lutam por uma reforma agrária, e por melhores condições de vida e uma transformação do semiárido.

Os alunos do EJA não disponibilizam de livros os mesmos fazem uso de apostilas e materiais complementares, material esse que é disponibilizado pelos professores tanto é que não achei necessário analisar tais apostilas levando em conta apenas a pesquisa de campo que como mencionei anteriormente foi realizada por amostragem e feita com todos os níveis de ensino que a escola disponibiliza desde o fundamental até o EJA, no que diz respeito as aulas de campo

praticadas pela escola, os professores afirmam que assim que podem realizam as mesmas e que utilizam material próprio aproveitando as características existentes na região para mesclar teoria e pratica dando exemplos reais da realidade local.

2.7 - Análise dos dados da pesquisa de campo

Segue abaixo tabelas e gráficos com os respectivos resultados da pesquisa por amostragem, realizada na escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva no período de 10 de agosto a 24 de setembro de 2018, atingindo um público de 144 alunos (as) pesquisados que representa 22% de um total de 670 estudantes que compõem o quadro da escola.

ENSINO FUNDAMENTAL

Tabela 01 - Respostas dos alunos do ensino fundamental acerca da temática a seca no Nordeste embasada em pesquisa realizada na escola Watson - 2018.

ENSINO FUNDAMENTAL – 44 alunos (7º ao 9º ano)			
QUESTÃO 1	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
O livro didático utilizado pela turma aborda as questões relacionadas à seca no Nordeste?	Sim	29	66%
	Não	15	34%
Total	-	44	100%
QUESTÃO 2	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Se sim, como você avalia tal temática na pratica do ensino de geografia?	Excelente	7	16%
	Boa	18	41%
	Regular	9	20%
	Ruim	3	7%
	Não respondeu	7	16%
Total	-	44	100%
QUESTÃO 3	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Com que frequência você tem aulas relacionadas à seca no Nordeste?	Frequentemente	12	28%
	Quase nunca	30	68%
	Nunca	1	2%
	Não respondeu	1	2%
Total	-	44	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Questão 01, 66% que corresponde a 29 alunos do ensino fundamental responderam que sim o livro aborda questões relacionadas a seca enquanto que 34% ou 15 alunos responderam que não que o livro não aborda a temática.

Questão 02 16% ou 07 alunos responderam que a temática na prática do ensino de Geografia é excelente, 41% ou 18 alunos responderam ser boa, 20% ou 09 alunos responderam regular, 7% ou 03 alunos optaram pela opção ruim e 16% ou 07 alunos não responderam ou seja apenas esses 07 alunos seguiram o que orienta a pergunta.

Questão 03 26% que representa 12 alunos responderam que frequentemente, 68% ou 31 alunos quase nunca, 2% que equivale a 01 aluno respondeu nunca e 4% ou 02 alunos não responderam.

Tabela 02 - pesquisa sobre a temática a seca no Nordeste e a pratica da temática na sala de aula realizado com alunos do ensino fundamental da escola Watson - 2018.

ENSINO FUNDAMENTAL – 44 alunos (7º ao 9º ano)			
QUESTÃO 4	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Quando você tem aulas relacionadas à seca, qual a origem do material utilizado?	Livro Didático	28	64%
	Internet	3	7%
	Internet e Livro Didático	9	20%
	Outros	4	9%
Total	-	44	100%
QUESTÃO 5	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Na sua opinião, o(a) professor(a) tem domínio sobre o tema a seca no Nordeste?	Sim	32	73%
	Não	12	27%
Total	-	44	100%
QUESTÃO 6	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Quando é abordada a temática (seca no Nordeste), as aulas se resumem apenas a questões gerais ou adentram nas questões locais?	Gerais	18	41%
	Locais	5	11%
	Gerais e Locais	21	48%
Total	-	44	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Gírlânio Oliveira, 2018.

Questão 04 67% ou 28 alunos responderam que a origem do material é o livro

didático, 2% ou 01 alunos disse internet, 21% ou 09 alunos responderam internet e livro didático e 10% ou 04 alunos responderam outros.

Questão 05 73% ou 32 alunos responderam que sim e 27% ou 12 alunos responderam que não, que o professor não tem domínio sobre a temática a seca no Nordeste.

Questão 06 41% ou 18 alunos responderam gerais, 11% ou 05 alunos responderam locais e 48% ou 21 alunos responderam gerais e locais.

Tabela 03 - nível de conhecimento a respeito da temática a seca no Nordeste dos alunos do ensino fundamental da escola Watson - 2018.

ENSINO FUNDAMENTAL – 44 alunos (7º ao 9º ano)			
QUESTÃO 7	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
O Departamento Nacional de Obras Contra a Seca é representado por qual das siglas?	IFOCS	4	9%
	IOCS	7	16%
	DNOCS	33	75%
Total	-	44	100%
QUESTÃO 8	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
As obras como a construção de barragens e açudes que visavam abastecer a população, diminuindo as calamidades da seca, eram construídas em propriedades pertencentes a:	Particulares	5	11%
	Associações	26	59%
	Comunidades Quilombolas	13	30%
Total	-	44	100%
QUESTÃO 9	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Um marco muito importante foi a criação da SUDENE, que se trata de um órgão do Estado responsável por administrar a região?	Sudeste	7	13%
	Nordeste	29	72%
	Sul	6	11%
	Centro-Oeste	0	0%
	Norte	2	4%
Total	-	44	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Questão 07 9% ou 04 alunos responderam IFOCS, 16% ou 07 alunos

responderam IOCS, e 75% que equivale a 33 alunos responderam DNOCS.

Questão 08 11% ou 05 alunos responderam particulares, 59% ou 26 alunos responderam associações e 30% que representa 13 alunos responderam comunidades quilombolas.

Questão 09 13% ou 07 alunos responderam SUDENE, 72% ou 29 alunos responderam Nordeste, 11% ou 06 alunos responderam Sul, nenhum aluno respondeu que é o Centro Oeste e 4% que dá o equivalente a 03 alunos responderam Norte.

ENSINO MÉDIO

Tabela 01 - respostas dos alunos do ensino médio acerca da temática a seca no Nordeste pesquisa realizada na escola Watson - 2018.

ENSINO MÉDIO – 43 alunos (1º ao 3º ano)			
QUESTÃO 1	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
O livro didático utilizado pela turma aborda as questões relacionadas à seca no Nordeste?	Sim	27	63%
	Não	16	37%
Total	-	43	100%
QUESTÃO 2	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Se sim, como você avalia tal temática na prática do ensino de geografia?	Excelente	8	19%
	Boa	18	42%
	Regular	10	23%
	Ruim	3	7%
	Não respondeu	4	9%
Total	-	43	100%
QUESTÃO 3	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Com que frequência você tem aulas relacionadas à seca no Nordeste?	Frequentemente	6	14%
	Quase nunca	31	72%
	Nunca	6	14%
Total	-	43	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Questão 01 62% ou 26 alunos responderam que sim e 38% ou 16 alunos

responderam que não, que o livro didático utilizado pela turma não aborda as questões relacionadas a seca no Nordeste.

Questão 02 18% ou 08 alunos responderam excelente, 40% ou 18 alunos responderam bom, 22% ou 10 alunos responderam regular, 7% ou 03 alunos optaram pela opção ruim e 13% que equivale a 06 alunos não responderam a nenhuma das opções.

Questão 03 14% ou 06 alunos responderam que frequentemente tem aulas referente a seca no Nordeste, 72% ou 31 alunos responderam que quase nunca tem aulas referente a temática e 14% que equivale a 06 alunos responderam que nunca tem aulas que relacionam a temática.

Tabela 02 - Pesquisa sobre a temática a seca no Nordeste e a pratica da temática na sala de aula realizado com alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.

ENSINO MÉDIO – 43 alunos (1º ao 3º ano)			
QUESTÃO 4	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Quando você tem aulas relacionadas à seca, qual a origem do material utilizado?	Livro Didático	17	39%
	Internet	6	14%
	Internet e Livro Didático	15	35%
	Outros	5	12%
Total	-	43	100%
QUESTÃO 5	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Na sua opinião, o(a) professor(a) tem domínio sobre o tema a seca no Nordeste?	Sim	34	79%
	Não	9	21%
Total	-	43	100%
QUESTÃO 6	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Quando é abordada a temática (seca no Nordeste), as aulas se resumem apenas a questões gerais ou adentram nas questões locais?	Gerais	14	33%
	Locais	7	16%
	Gerais e Locais	22	51%
Total	-	43	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Gírlânio Oliveira, 2018.

Questão 04 39% ou 17 alunos responderam livro didático, 14% ou 06 alunos optaram por escolher a opção internet, 35% ou 15 alunos responderam internet e livro didático e 12% que equivale a 05 alunos optaram pela opção outros.

Questão 05 79% ou 34 alunos responderam sim e 21% ou 09 alunos responderam não, que o professor não tem domínio sobre o tema a seca no Nordeste.

Questão 06 33% ou 14 alunos escolheram pela opção geral, 16% ou 07 alunos optaram pela opção local e 51% que é o equivalente a 22 alunos responderam gerais e locais, que quando é abordada a temática “Seca no Nordeste” as aulas se resumem a questões gerais e locais.

Tabela 03 - Nível de conhecimento a respeito da temática a seca no Nordeste dos alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.

ENSINO MÉDIO – 43 alunos (1º ao 3º ano)			
QUESTÃO 7	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
O Departamento Nacional de Obras Contra a Seca é representada por qual das siglas?	IFOCS	2	5%
	IOCS	3	8%
	DNOCS	38	87%
Total	-	43	100%
QUESTÃO 8	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
As obras como a construção de barragens e açudes que visavam abastecer a população, diminuindo as calamidades da seca, eram construídas em propriedades pertencentes a:	Particulares	9	21%
	Associações	16	37%
	Comunidades Quilombolas	18	42%
Total	-	43	100%
QUESTÃO 9	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Um marco muito importante foi a criação da SUDENE, que se trata de um órgão do Estado responsável por administrar a região?	Sudeste	19	44%
	Nordeste	19	44%
	Sul	1	2%
	Centro-Oeste	2	5%
	Norte	0	0%
	Não respondeu	2	5%
Total	-	43	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Questão 07 5% ou 02 alunos responderam IFOCS, 8% ou 03 alunos responderam IOCS e 87% que o equivalente a 38 alunos respondeu DNOCS.

Questão 08 21% ou 09 alunos responderam particulares, 37% ou 16 alunos optaram pela opção associações e 42% ou 18 alunos responderam comunidades quilombolas.

Questão 09 44% que é o equivalente a 19 alunos responderam Sudeste mais 44% que dá mais 19 alunos responderam Nordeste, 2% ou 01 aluno respondeu Sul, 5% ou 02 alunos optaram pela opção Centro Oeste, nenhum aluno respondeu Norte e 5% ou 02 alunos não responderam.

ENSINO EJA

Tabela 01 - Respostas dos alunos do ensino EJA acerca da temática a seca no Nordeste embasada em pesquisa realizada na escola Watson - 2018.

ENSINO EJA – 57 alunos (1º ao 4º ano)			
QUESTÃO 1	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
O livro didático utilizado pela turma aborda as questões relacionadas à seca no Nordeste?	Sim	34	60%
	Não	23	40%
Total	-	57	100%
QUESTÃO 2	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Se sim, como você avalia tal temática na prática do ensino de geografia?	Excelente	7	12%
	Boa	31	54%
	Regular	12	21%
	Ruim	2	4%
	Não respondeu	5	9%
total	-	57	100%
QUESTÃO 3	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Com que frequência você tem aulas relacionadas à seca no Nordeste?	Frequentemente	7	12%
	Quase nunca	30	53%
	Nunca	20	35%
total	-	57	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Questão 01 60% ou 34 alunos responderam sim, 40% ou 23 alunos responderam que o livro didático não aborda as questões relacionadas a seca no Nordeste.

Questão 02 13% ou 07 alunos responderam excelente, 53% ou 31 alunos responderam boa, 21% ou 12 alunos responderam regular, 2% ou 01 aluno respondeu ruim e 9% ou 05 alunos não responderam.

Questão 03 12% ou 07 alunos responderam frequentemente, 53% ou 30 alunos responderam quase nunca e 35% ou 20 alunos responderam nunca.

Tabela 02 - Pesquisa sobre a temática a seca no Nordeste e a pratica da temática na sala de aula realizado com alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.

ENSINO EJA – 57 alunos (1º ao 4º ano)			
QUESTÃO 4	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Quando você tem aulas relacionadas à seca, qual a origem do material utilizado?	Livro Didático	16	29%
	Internet	10	18%
	Internet e Livro Didático	16	29%
	Outros	13	21%
	Não respondeu	2	3%
Total	-	57	100%
QUESTÃO 5	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Na sua opinião, o(a) professor(a) tem domínio sobre o tema a seca no Nordeste?	Sim	38	67%
	Não	18	31%
	Não respondeu	1	2%
Total	-	57	100%
QUESTÃO 6	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Quando é abordada a temática (seca no Nordeste), as aulas se resumem apenas a questões gerais ou adentram nas questões locais?	Gerais	12	21%
	Locais	13	23%
	Gerais e Locais	31	54%
	Não respondeu	1	2%
Total	-	57	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Questão 04 29% ou 16 alunos responderam livro didático, 18% ou 10 alunos responderam internet, 29% ou 16 alunos responderam internet e livro didático, 21% ou 12 alunos optaram pela opção outros e 3% ou 02 alunos não responderam.

Questão 05 67% ou 38 alunos responderam sim, 31% que equivale a 18 alunos responderam não e 2% ou 01 aluno não respondeu.

Questão 06 21% ou 12 alunos responderam questões gerais, 23% ou 13 alunos responderam locais, 54% ou 31 alunos responderam gerais e locais e somente 2% que equivale a apenas 01 aluno não respondeu.

Tabela 03 - Nível de conhecimento a respeito da temática a seca no Nordeste dos alunos do ensino médio da escola Watson - 2018.

ENSINO EJA – 57 alunos (1º ao 4º ano)			
QUESTÃO 7	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
O Departamento Nacional de Obras Contra a Seca é representado por qual das siglas?	IFOCS	7	12%
	IOCS	12	21%
	DNOCS	35	62%
	Não respondeu	3	5%
Total	-	57	100%
QUESTÃO 8	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
As obras como a construção de barragens e açudes que visavam abastecer a população, diminuindo as calamidades da seca, eram construídas em propriedades pertencentes a:	Particulares	19	33%
	Associações	24	42%
	Comunidades Quilombolas	12	21%
	Não respondeu	2	4%
Total	-	57	100%
QUESTÃO 9	ALTERNATIVAS	QUANTIDADE	%
Um marco muito importante foi a criação da SUDENE, que se trata de um órgão do Estado responsável por administrar a região?	Sudeste	7	12%
	Nordeste	43	75%
	Sul	1	2%
	Centro-Oeste	2	4%
	Norte	3	5%
	Não respondeu	1	2%
Total	-	57	100%

Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

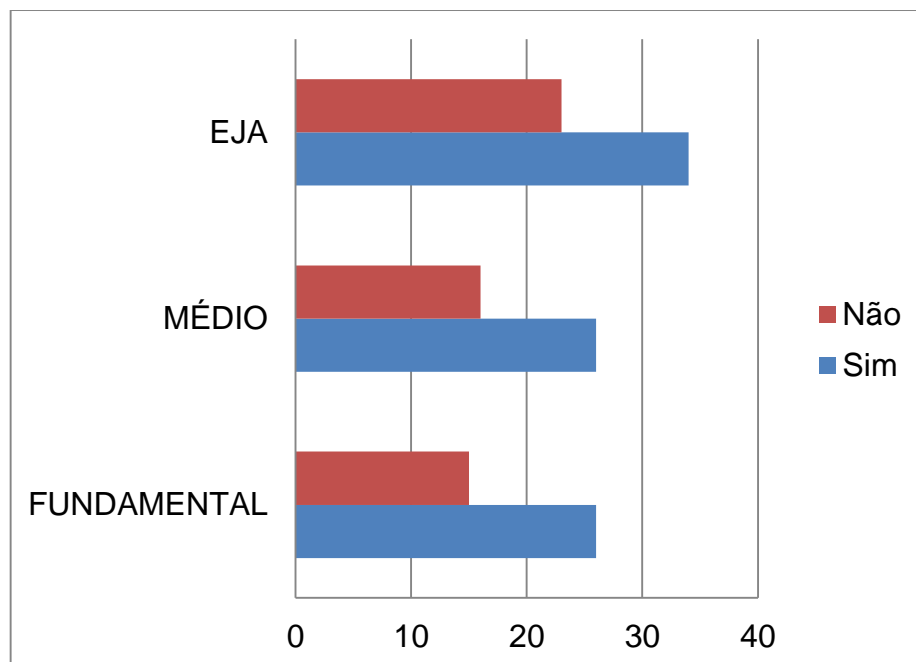
Questão 07 12% ou 07 alunos responderam IFOCS, 21% ou 12 alunos responderam IOCS, 62% ou 35 alunos responderam DNOCS e 5% que equivale a 03 alunos não responderam.

Questão 08 24% ou 19 alunos responderam particulares, 44% ou 24 alunos optaram por associações e 22% que equivale a 12 alunos responderam comunidades quilombolas.

Questão 09 12% ou 07 alunos responderam Sudeste, 75% ou 43 alunos responderam Nordeste, 2% ou 01 aluno respondeu Sul, 4% ou 02 alunos responderam Centro Oeste, 5% ou 03 alunos responderam Norte e 2% que representa apenas um aluno não respondeu.

Comparativo dos dados colhidos nos três níveis de ensino, fundamental, médio e EJA.

Gráfico 01 - O livro didático aborda as questões relacionadas a seca no Nordeste, livro este que é utilizado pela escola Watson – 2018.



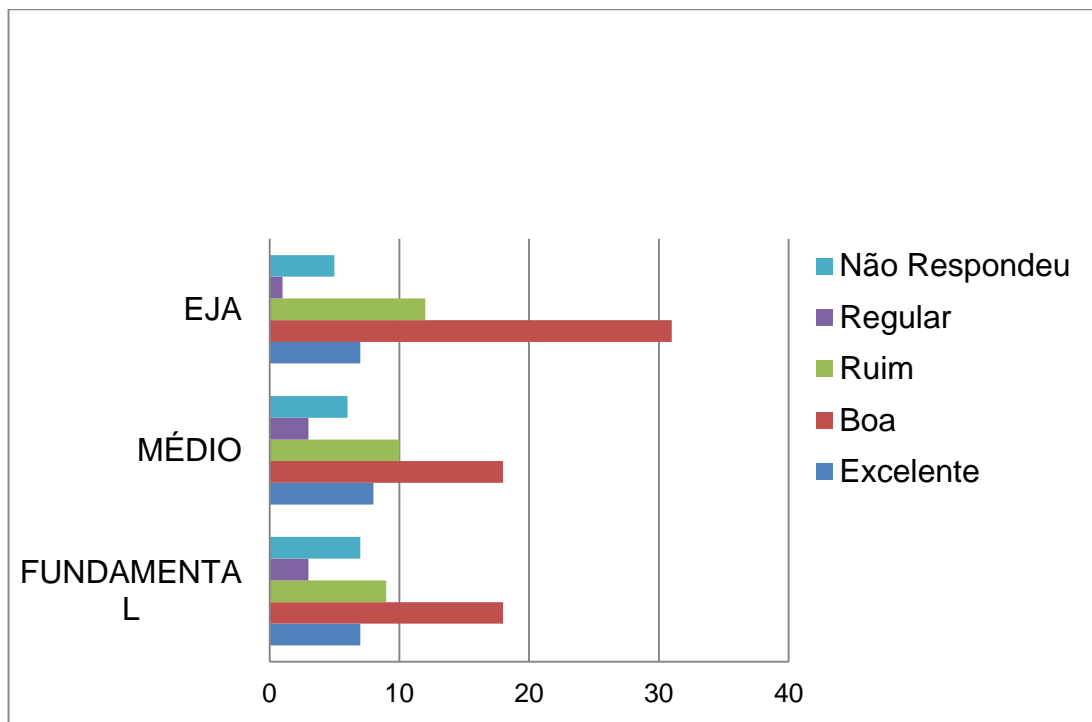
Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Quando perguntados se o livro utilizado pela turma aborda as questões relacionadas a seca no Nordeste os segmentos de ensino fundamental, médio e EJA responderam seguindo basicamente o mesmo direcionamento, pois como já

mencionado, há sim uma abordagem do livro didático em relação a temática, mas se dá de forma resumida cabendo aos professores trazer materiais complementares e dialogar com o livro utilizando suas ideias iniciais e usando-as como ponto de partida para um maior aprofundamento do tema como mencionado pelos próprios professores.

Essa diferença no número de alunos do EJA que responderam sim ou não em comparação aos alunos do fundamental e do médio se explica pelo fato do número de entrevistados ser maior, pois o EJA dispõe de salas com um número maior de alunos, por isso a necessidade de uma pesquisa mais ampla que atingisse esse contingente.

Gráfico 02 – Se sim como você avalia tal temática na prática do ensino de Geografia na escola Watson - 2018

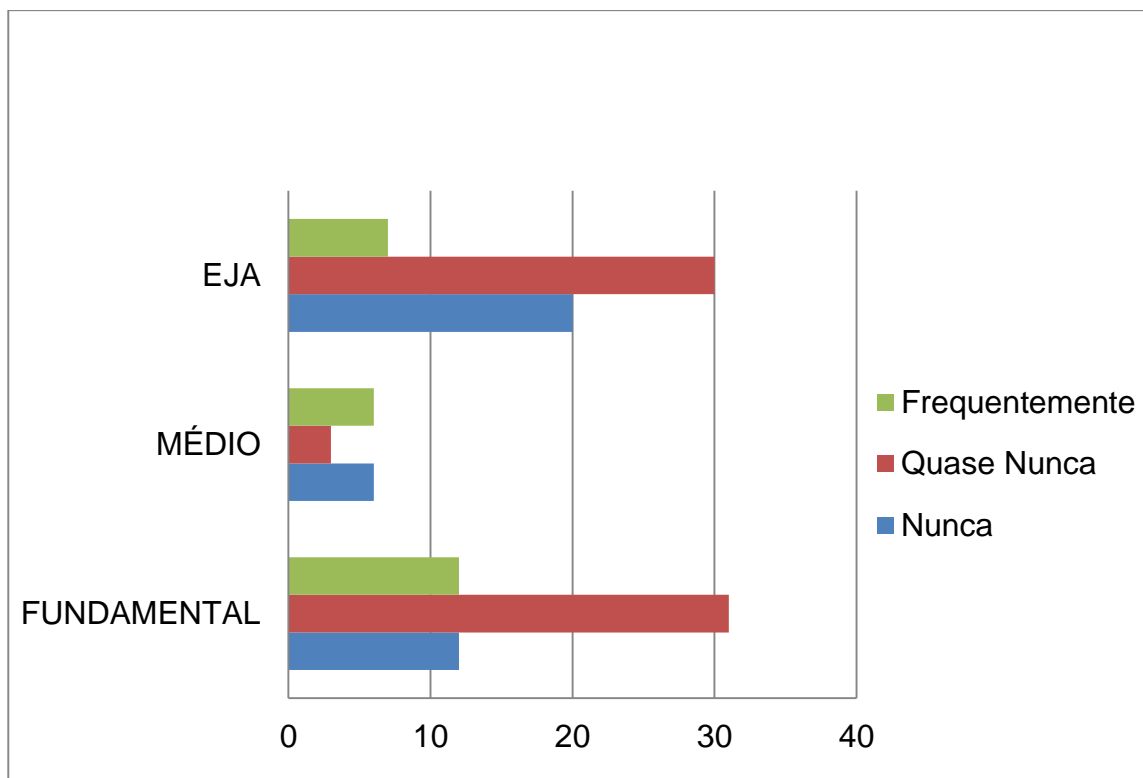


Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Quanto a avaliação dos alunos sobre a temática na prática do ensino de Geografia, o que se pode perceber é que ambos os segmentos de ensino se destacaram classificando a como boa e ruim sendo a opção boa a mais optada e depois excelente, poucos alunos responderam regular, o ensino EJA se destaca avaliando a como boa, aqui não é levado em consideração o grau de conhecimento

dos alunos e a que ponto eles chegaram em suas abordagens em sala de aula, até porque o intuito não é esse, o número de resposta na opção boa demonstra que grande parte dos alunos gostam da temática e das aulas que tratam da mesma, o que se precisa melhorar é o foco e aumentar o nível do debate em sala de aula para abranger um leque maior de informações relacionadas ao tema pois o que se pode perceber é um vazio no que diz respeito a algumas questões que serão tratadas mais à frente.

Gráfico 03 - Com que frequência você tem aulas relacionadas a seca no Nordeste, levando em conta os levantamentos feitos pelo professor (a) da escola Watson – 2018.

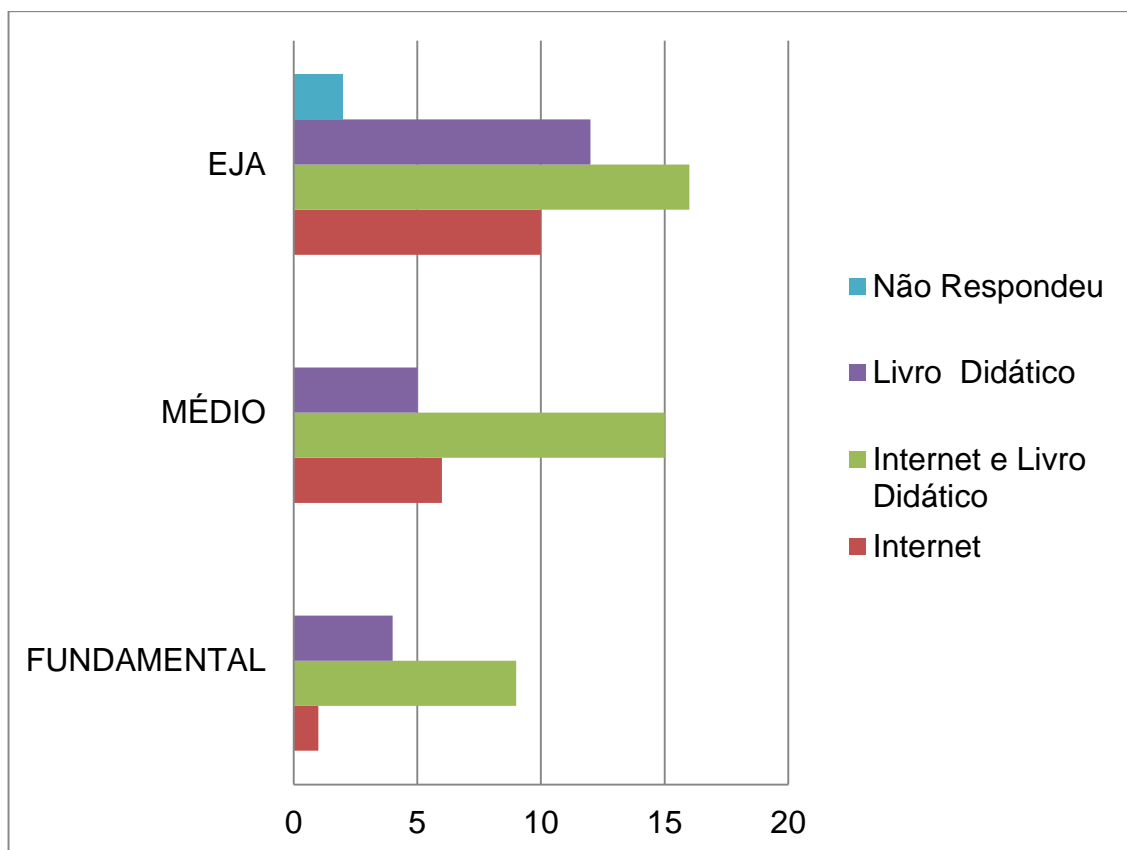


Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Nessa questão fica clara a inexistência de uma prática contínua no que diz respeito a temática à seca no Nordeste, mostrando não só algo muito simplificado em alguns livros como o do 7º ano e a ausência total da temática em outros como é o caso do livro do 9º ano, e nessa perspectiva também entra em questão a falta de uma maior abordagem por parte dos professores, pois são em situações como essa que percebemos algumas falhas por parte dos mesmos pois mesmo o livro

sendo falho no que diz respeito a temática o profissional a frente da turma tem o papel de fazer com que questões desse tipo sejam abordadas, deixando os professores em situação vulnerável, pois os mesmos alegam tratar da temática, mas apenas nos momentos em que o livro os direciona pois dizem seguir a proposta do livro abordando o que nele está proposto.

Gráfico 04 - Quando você tem aulas relacionadas a seca, qual a origem do material utilizado pelo professor(a) da escola Watson – 2018.

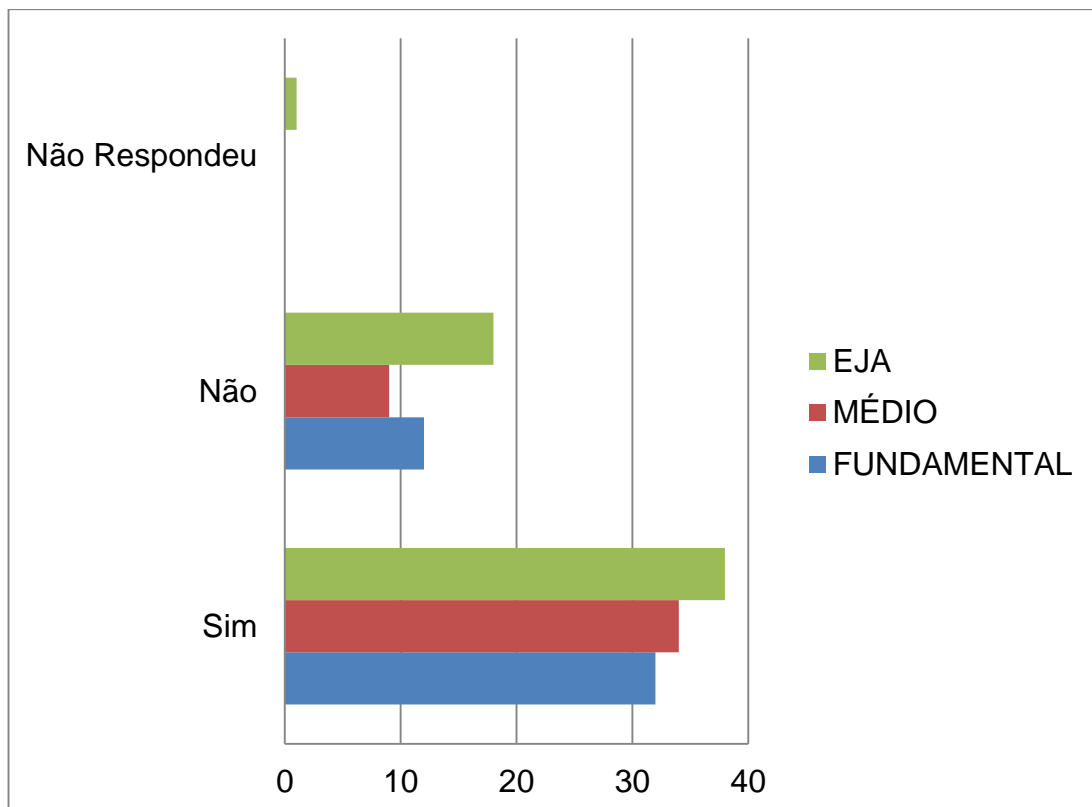


Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Nessa questão a opção internet e livro didático teve um grande número de respostas, pois em conversa com os alunos os mesmos falaram que pelo fato do livro quando traz a temática aborda de forma resumida o professor (a) pede para que façam pesquisa extra pra complementar a discussão além de trazer para o debate questões que no livro não são abordadas tornando esse um facilitador em termos de pesquisa, os professores (a) complementam falando que a internet nos dias atuais é uma das fontes de pesquisa mais utilizadas pelos alunos nessa busca

de complemento para as poucas aulas referente a temática a seca no Nordeste, enfatizaram também que devido disporem de uma biblioteca ainda defasada a internet só torna o meio de mais fácil acesso, mesmo tendo muitos alunos que ainda não possuem computador, mais as *Lan houses* facilitam muito a vida dos alunos.

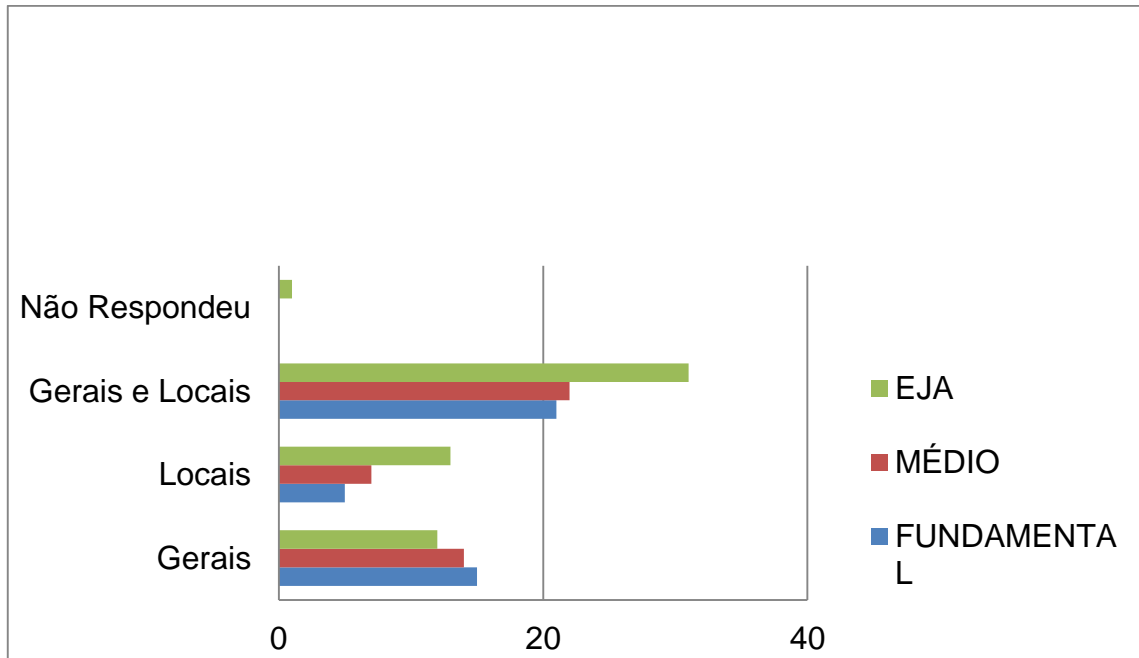
Gráfico 05 - Na sua opinião o professor (a) tem domínio sobre o tema a seca no Nordeste quando aborda tal temática na escola Watson – 2018.



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Essa é uma pergunta complexa analisada pelo ponto de vista que o aluno tem ou não a capacidade intelectual para responder a mesma, mas a intenção maior é sabermos o que pensa o estudante a respeito da qualidade do trabalho exercido pelo mesmo, eles falaram que os professores precisam melhorar muito na prática da temática, precisam inserir mais a temática nas discursões do dia a dia e aumentar o número de aulas de campo, a maioria dos estudantes afirmaram que o professor tem domínio sobre a temática o que lhes falta é colocar em prática com maior frequência.

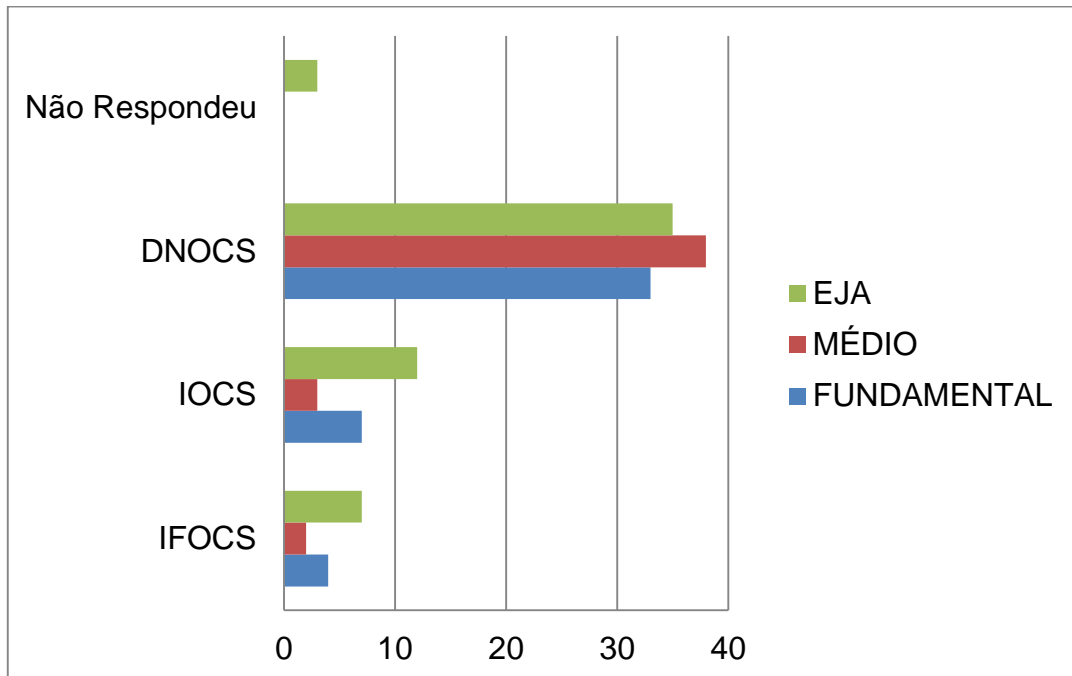
Gráfico 06 - Quando é abordada a temática a seca no Nordeste, as aulas se resumem apenas a questões gerais ou adentram nas questões locais pesquisa realizada na escola Watson – 2018.



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Nessa questão a abordagem de questões gerais e locais depende muito do professor, pois é dele essa função de trazer a discussão para nossa realidade já que o livro é nacional e aborda apenas de forma geral, mas como nos mostra o gráfico quando tem aulas relacionadas a temática o professor (a) faz essa interlocução entre uma situação e outra trazendo tanto questões gerais quanto locais para as aulas.

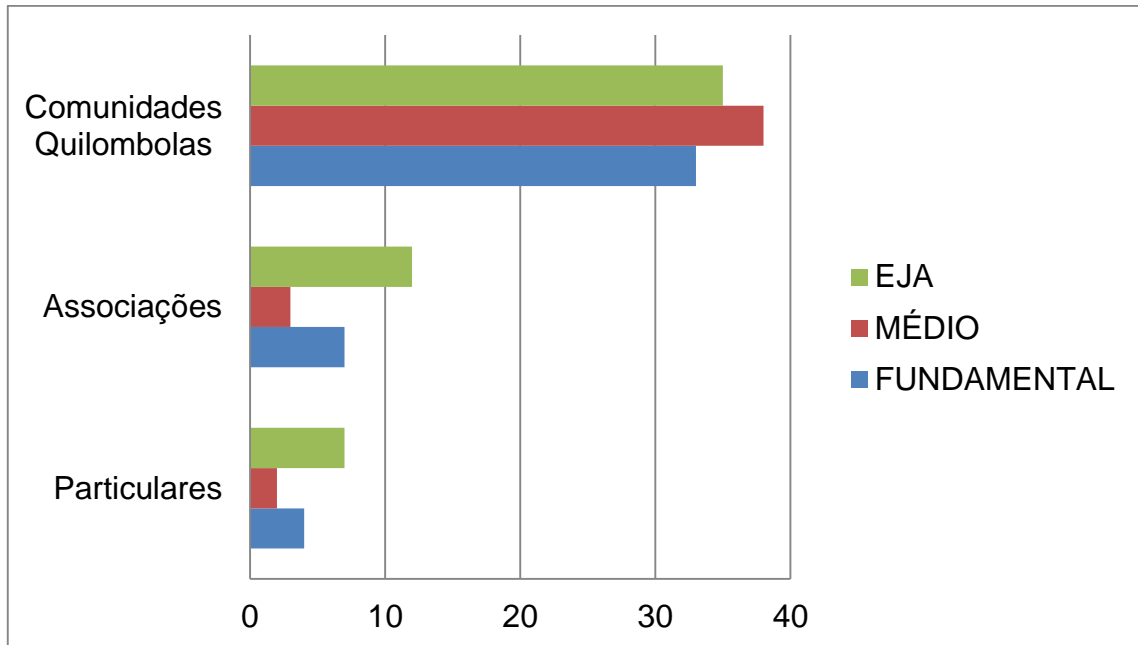
Gráfico 07 - O Departamento Nacional de Obras contra a seca é representado por qual das siglas respostas obtidas nos três níveis de ensino da escola Watson- 2018.



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

O grande número de alunos que optaram pela opção DNOCS acertadamente foi consideravelmente razoável, e isso mostra que mesmo com a pouca abordagem sobre a temática foram capazes de assimilar tal fato, mas isso não é motivo de se animar com os resultados, pois tivemos um número considerado de estudantes que optaram por outras respostas, e que também através de uma simples pergunta não se é capaz de medir o nível de conhecimento dos alunos, serve apenas para termos um panorama de como pensam nossos alunos, e que o processo de aprendizagem como um todo é composto por ciclos e momentos e nessa perspectiva podemos ver uma evolução do ensino fundamental até o ensino médio e uma pequena queda do EJA em comparação aos números de acertos, e em relação aos que não responderam e aos que mais erraram o EJA se destaca.

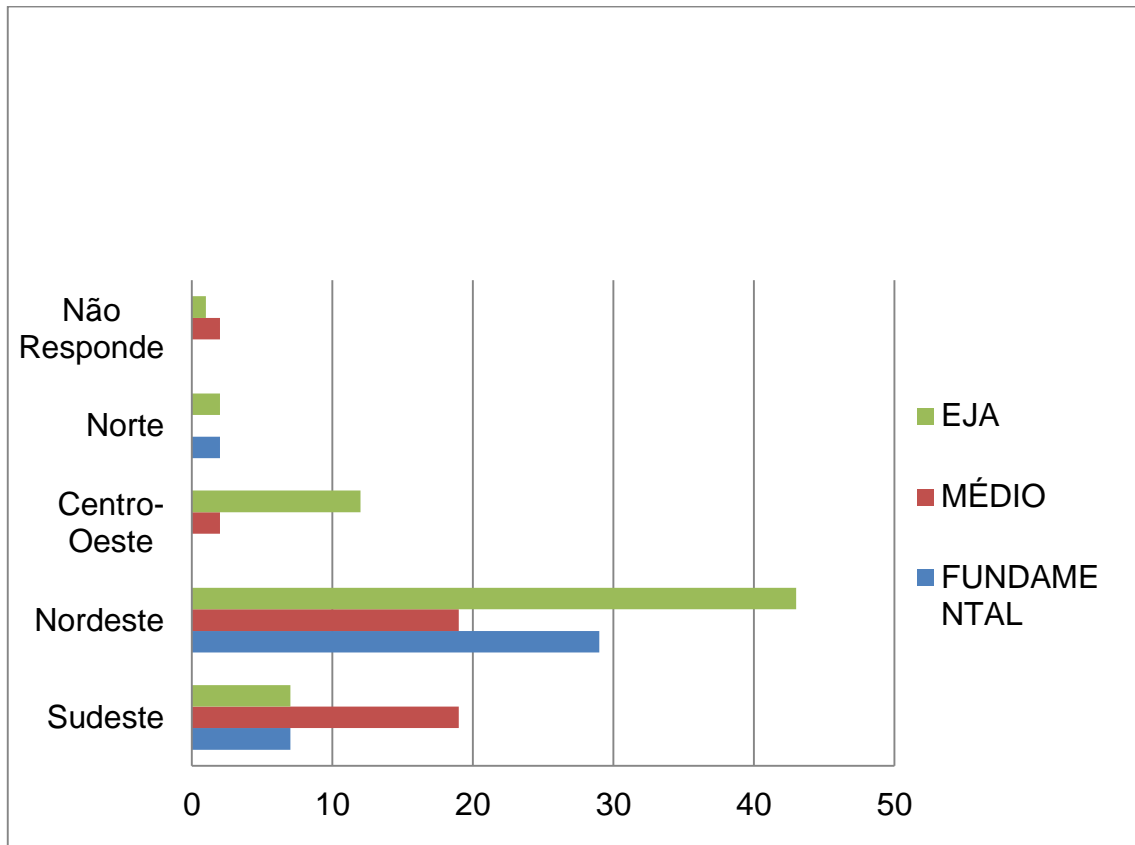
Gráfico 08 - As obras como a construção de barragens e açudes que visavam abastecer a população, diminuindo as calamidades da seca, eram construídas em propriedades pertencentes a: as respostas foram dadas por alunos da escola Watson – 2018.



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Girlânio Oliveira, 2018.

Essa questão reflete muito a ausência da abordagem pelo livro didático e também por parte do professor no que diz respeito a um maior empenho e foco em relação à temática da seca no Nordeste, pois questões como as construções de barragens englobando a discussão acerca da temática e que alunos não sabem responder se essas construções eram feitas em propriedades particulares ou não e de quem eram essas propriedades é uma situação preocupante, como também não demonstram conhecimentos sobre a presença latifundiária o papel do DNOCS, CODEVASF não são esclarecidos essas questões, dando a impressão que os alunos tiveram alguma experiência de aulas sobre a temática, mas é como se fossem ensinados sem aprofundamento, abordando algumas situações e outras não, deixando uma lacuna grandiosa na aprendizagem dos mesmos.

**Gráfico 09 - 9 Um marco muito importante foi a criação da SUDENE que se trata de um órgão do Estado responsável por administrar a região?
Respostas obtidas na escola Watson - 2018.**



Fonte: pesquisa de campo, agosto de 2018. Organização: Gírlânio Oliveira, 2018.

Aqui percebemos uma diferença no número de acertos do EJA em comparação ao ensino fundamental e médio e esse fato se explica pelo fato da necessidade de se ter uma aprendizagem contínua e um aprofundamento da temática, pois temos aqui uma questão simples que apresenta um alto índice de erro, deixando a impressão que não se está dando a devida atenção para a temática pode perceber nessa questão que o ensino EJA demonstra ter um conhecimento mais apurado do que os outros segmentos mais esse fato pode ser explicado, lógico pelo fato de que o EJA já passou por um ciclo maior de aprendizagem e que no que diz respeito a essa questão dispõe de um maior conhecimento que também se explica pelo fato de que as salas do EJA são compostas basicamente por pessoas mais experientes e que algumas até viveram e tiveram algum tipo de vínculo com o DNOCS.

Quadro composto por um questionário com professores (as)

Questões	Respostas
Como você faz para abordar a temática a seca no Nordeste, já que o livro didático em algumas series não aborda a referida temática e quando a aborda é de forma muito resumida?	Ambos dizem utilizar aula de campo como ferramenta de ensino para abordar a temática.
O que você acha do livro didático, adotado pela escola, que aborda superficialmente temas presentes na região do Nordeste?	Ambos dizem ser um descaso a escolha deste material, pois os mesmos abordam outras realidades e não dá o foco necessário para a região Nordeste.
Quando se trata da temática “seca no Nordeste” você faz uso de algum material complementar ao livro didático?	Ambos os professores falaram que fazem sim o uso de material complementar ao livro didático.
Se sim qual a origem do material complementar, utilizado nas aulas que envolvem a temática?	Ambos responderam que a origem do material é internet e outros meios.
Nos livros que não trazem a temática “seca no Nordeste”, como é feito para atender a essa demanda?	Um dos professores (a) usa a internet e o outro diz que utiliza leituras, imagens e a realidade dos alunos.
Você sabe distinguir “as políticas de combate à seca” das “políticas de convivência com a seca”?	Os dois responderam que sim.
O Canal do Sertão pode ser considerado como uma política de convivência com a seca?	Os dois responderam que sim.
As cisternas podem ser consideradas como uma política de combate à seca?	Um respondeu que sim e o outro (a) respondeu que não.
Em sua opinião, quem eram os “maguinus”?	Um respondeu que eram os Coronéis do Sertão e outro(a) respondeu que eram trabalhadores recrutados pelo DNOCS.

A conversa com os professores ocorreu de forma muito proveitosa, pois conversamos sobre os aspectos do dia a dia das aulas, as dificuldades que eles enfrentam na prática profissional, com a falta de apoio no sentido de poder dar uma aula de campo que requer a saída dos alunos da escola, ficou claro também que há uma divergência nas respostas e ambos defenderam um livro exclusivo para

tratar a temática a seca no Nordeste.

Sobre as aulas de campo os professores(as) responderam que fazem uso de tal prática, só que as mesmas ocorrem com uma distancia de tempo muito grande entre uma e outra e que organizá-las não é fácil, um dos professores(as) ate falou que antes a alguns anos atrás essa prática era mais fácil pois próximo a escola existia uma área de caatinga onde ali poderia ser tratado sobre questões relacionadas a fauna e a flora da caatinga, as questões climáticas entre outros fatores mostrando na pratica e enfatizando a relação das espécies com a seca que ocorre no Nordeste.

No que diz respeito ao livro didático os professores(as) afirmam que o mesmo é insuficiente no que diz respeito às questões relacionadas a seca e que precisam utilizar materiais complementares oriundos na maioria das vezes da internet, e também de outros livros e até artigos.

No que diz respeito às políticas de convivência com a seca ambos os professores(as) falaram que sabem distingui-las das politicas de combate a seca mas quando perguntados se as cisternas podem ser consideradas como uma política de combate à seca um dos professores(as) respondeu que sim e o outro(a) respondeu que não.

E em outra pergunta onde foram perguntados quem eram os Maguinus, um(a) respondeu que eram os coronéis do Sertão e outro(a) respondeu que eram trabalhadores recrutados pelo DNOCS, isso mostra uma grande diferença de como é tratado pelos professores as mesmas questões e que há uma ausência de conhecimento ate por parte dos professores(as) a respeito da temática a seca no Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho ao qual nos debruçamos sobre questões relacionadas a seca no Nordeste e como essa temática está sendo tratada pelo livro didático, para a discussão pudemos contar com a contribuição teórica através de livros por esses autores escritos e que dialogam com a pesquisa, como Silva (2006) e Oliveira (1981) no qual ambos com suas colocações contribuem para que esse diálogo venha acontecer.

De acordo com Silva (2006) a seca é um problema histórico no Nordeste brasileiro pois trata-se de períodos longos de escassa pluviometria sendo dessa forma o semiárido brasileiro um território de clima seco e com pouco desenvolvimento econômico, e que os relatos que relacionam a região com a seca não são recentes tanto é que desde o período colonial já havia essa preocupação.

Durante o período colonial as ações eram direcionadas em forma de distribuição de alimentos e na repressão das desordens (saques em pequenos povoados) que ocorriam durante a seca, mas com a ocupação do semiárido aumento da população e expansão da pecuária as políticas públicas passam por mudanças criando-se os órgãos que coordenarão ações de combate à seca.

Com o surgimento desses órgãos cria-se o DNOCS que coordenou a construção de barragens a perfuração de poços aberturas de estradas e rodagens, e que o governo tinha como perspectiva melhorar o acesso a água e proporcionar uma transformação no ciclo produtivo do Nordeste, mas de acordo com Oliveira (1981) essas ações não surtiram significativas transformações no ciclo produtivo nordestino pois:

Não tiveram, sob nenhuma circunstância, o condão de transformar as condições da produção social do Nordeste algodoeiro-pecuário. Significaram simplesmente um reforço das condições da própria estrutura produtiva, tanto na esfera da produção quanto na esfera da circulação e da apropriação (OLIVEIRA, 1981, p. 51 - 53).

Mediante aos levantamentos exposto acima, percebe-se que é possível conviver com o semiárido, basta que criemos ações que sejam condizentes com a realidade da região, e que essas ações busquem equilibrar as relações do homem com a natureza e com seus semelhantes, enfim diante do exposto pudemos perceber que os livros didáticos de Geografia seguem um padrão organizacional rigoroso, com o intuito de ir dosando a temática a ser trabalhada em cada série

específica, tratando caso a caso ano a ano, e cada vez mais avançando nos respectivos temas a serem abordados.

No tocante a temática a seca no Nordeste e as políticas públicas de combate ou convivência com a mesma desenvolvida pelos vários governos, nas poucas vezes que o livro didático trata essa temática não o trazem claramente de forma objetiva com o intuito de abordá-las, dá a impressão que em algumas das obras analisadas o tema é abordado de forma automática, exemplo: não tem como falar do espaço geográfico brasileiro sem levar em consideração os aspectos geográficos do Nordeste, os movimentos migratórios entre outros. É importante deixar claro que não são todos os livros que apresentam a temática, e aquele que a traz é de forma muito superficial e resumida, tratando apenas os aspectos gerais.

Concluída análise chegamos à conclusão de que o uso do livro didático ajuda muito no aprendizado dos alunos, mas defendemos a inserção de um livro exclusivo em que aborde as questões locais, e de um foco maior para nossa realidade, já que o livro didático é composto para dá uma visão mais geral, tanto do território nacional como do mundo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C; LUSA, M; SILVA, M. Olhares: uma abordagem multidisciplinar sobre o semiárido alagoano. Edufal. Maceió, 2015.

ALMEIDA, L; LIMA, J.C; OLIVEIRA, J. Terra em alagoas: temas e problemas. Maceió, Edufal, 2013.

BALDRAIA, André et al. Ser protagonista: 2º ano: ensino Médio. 3º ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

_____. Ser protagonista: 3º ano: Ensino Médio. 3º ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos**: planejamento e clientelismo no Nordeste/ Marcel BursztyN. – Rio de Janeiro: Garamond; Fortaleza: BNB, 2008.

CAMPOS, Jose Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos, recebido em 20.8.2012 e aceito em 26.9.2013. I Programa de Recursos Hídricos, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil.

CASTRO, Josué de, 1908-1973 **Geografia da Fome**/ Josué de Castro. - 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LUCCI, E. A; BRANCO, A. L. Geografia: Homem e Espaço 9º ano, 27º ed. São Paulo, editora saraiva, 2015.

MALVEZZI, Roberto. Semi-árido: uma visão Holística. Brasília: Confea, 2007.

OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. 3º ed. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1981.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semiárido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. / Roberto Marinho Alves da Silva. Brasília, 2006.

SILVA, Bruno Claytton Oliveira da; SOARES, Ana Maria Jerônimo; NÓBREGA, Ranyére Silva. Os paradigmas da seca no semiárido brasileiro: das políticas de combate à concepção de convivência com o fenômeno. I CONIDIS (I Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido), sem data de publicação.

VEDOVATE, Fernando Carlo et al. Projeto Araribá 7º ano: geografia 3º ed. São Paulo, organizadora Editora Moderna. 2010.

_____. Projeto Araribá 8º ano: geografia 3º ed. SÃO Paulo, organizadora Editora Moderna. 2010.

VIEIRA, Bianca Carvalho et al. Ser protagonista: geografia, 1º ano: ensino médio. 3º ed. São Paulo: organizadora Edições SM, 2016.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e Morte no Sertão**: Histórias das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX, 1ª ed. v.75, ed. Ática; São Paulo, 2001

APENDICE

Formulário de entrevista realizada com alunos do Ensino Fundamental, Médio e EJA, da escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, sobre o fenômeno da seca no Nordeste.

1- O livro didático utilizado pela turma aborda as questões relacionadas à seca no Nordeste?

Sim Não

2- Se sim como você avalia tal temática na prática do ensino de Geografia?

Excelente Boa Regular Ruim

3- Com que frequência você tem aulas relacionada à seca no Nordeste?

Frequentemente Quase nunca Nunca

4- Quando você tem aulas relacionadas à seca, qual a origem do material utilizado?

Livro Didático Internet Internet e livro didático Outros

5- Na sua opinião, o professor(a) tem domínio sobre o tema, a seca no Nordeste?

Sim Não

6- Quando é abordada a temática (seca no Nordeste), as aulas se resumem apenas a questões gerais ou adentram em questões locais?

Questões gerais Locais Gerais e locais

7- O Departamento Nacional de Obras Contra a Seca é representado por qual das siglas a seguir?

IFOCS IOCS DNOCS

8- As obras como a construção de barragens e açudes que visavam abastecer a população, diminuindo as calamidades da seca, eram construídas em propriedades pertencentes a:

Particulares Associações Comunidades quilombolas

9- Um marco muito importante foi a criação da SUDENE, que se trata de um órgão do Estado responsável por administrar qual região?

Sudeste Nordeste Sul Centro-Oeste Norte

Questionário para professores (as) de Geografia da escola Estadual Watson Clementino de Gusmão Silva, englobando o Ensino Fundamental, Médio e EJA.

1º) Como você faz para abordar a temática a Seca no Nordeste, já que o livro didático em algumas series não aborda a referida temática e quando a aborda é de forma muito resumida?

2º) O que você acha do livro didático, adotado pela escola, que aborda superficialmente temas presentes na região do Nordeste?

3º) Quando se trata da temática “seca no Nordeste” você faz uso de algum material complementar ao livro didático?

4º) Se sim qual a origem do material complementar, utilizado nas aulas que envolvem a temática?

5º) Nos livros que não trazem a temática “Seca no Nordeste”, como é feito para atender a essa demanda?

6º) Você sabe distinguir “as políticas de combate à seca” das “políticas de convivência com a seca”?

7º) O Canal do Sertão pode ser considerado como uma política de convivência com a seca?

8º) As cisternas podem ser consideradas como uma política de combate à seca?

9º) Em sua opinião, quem eram os “maguinus”?